



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
COLEGIADO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Taquaril dos Fialhos: parentesco, produção, fé e território em uma
comunidade camponesa na Bahia**

Jéssica Caroline Moura Conceição Pereira

Salvador – BA

2023

JÉSSICA CAROLINE MOURA CONCEIÇÃO PEREIRA

Taquaril dos Fialhos: parentesco, produção, fé e território em uma comunidade camponesa na Bahia

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Educação, da Universidade do Estado da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Lívia Alessandra Fialho da Costa.

Salvador – BA

2023

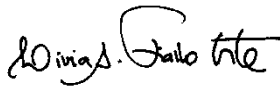
JÉSSICA CAROLINE MOURA CONCEIÇÃO PEREIRA

Taquaril dos Fialhos: parentesco, produção, fé e território em uma comunidade camponesa na Bahia

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Educação, da Universidade do Estado da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof^a. Dra. Livia Alessandra Fialho da Costa.

Trabalho aprovado em 15/12/2023

Banca Examinadora



Prof^a. Dra. Livia Alessandra Fialho da Costa



Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder

Prof. Dr. Valdélcio Santos Silva

Com muito carinho e saudade,
Ao meu avô Evaristo Conceição
Que me cuidou e me amou
(*in memoriam*)

À comunidade Taquaril dos Fialhos,
que confiou a mim a sua história e me permitiu fazer parte dela

“Eu não sei dizer nada por dizer
Então eu escuto”

(Fala – Secos e Molhados)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter estancado uma sangria que parecia não ter fim, por ter me acolhido e tornado esse trabalho uma realidade.

Aos moradores de Taquaril dos Fialhos, por confiarem a mim as suas histórias, por darem sentido à minha conclusão de curso e por me ensinarem sobre solidariedade, coletividade e fé.

A Universidade do Estado da Bahia, por ter me recebido e me ensinado sobre tanto.

Aos professores do curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado da Bahia, por sempre acreditarem em mim e me incentivarem. Em especial, a minha orientadora Livia Fialho, que me acolheu inúmeras vezes durante o processo de conclusão do curso e por ter contribuído significativamente para a escrita desse texto.

Aos professores Valdélcio Silva e Marcos Messeder, por aceitarem o convite para a composição da banca. Sem dúvida, foram duas das maiores inspirações no meu processo formativo. Tê-los como avaliadores é uma honra.

Aos meus colegas de curso, pelas inúmeras partilhas. Em especial, a Marina e Kehinde, por me apresentarem com uma amizade que tornou a minha trajetória acadêmica mais leve e feliz.

A Monyra, que se tornou uma irmã. Obrigada por ter sido um lugar de escuta, de acolhimento e de apoio durante a construção desse trabalho. Obrigada por escolher celebrar a vida comigo em tantos momentos e por ser o lugar seguro, onde quando não há o que celebrar, eu repouso.

A minha tia Shirley, por ter me acolhido em Salvador, por me abençoar todos os dias e por ter se tornado uma mãe. Obrigada pela compreensão diária, pelo zelo e pelos biscoitos recheados que eu gosto tanto, rs. Cada gesto de cuidado foi fundamental para que eu seguisse firme nessa jornada.

A minha mãe Wilma, por ser a minha fonte de ensinamentos, de bondade e de amor. A escolha pelo tema dessa pesquisa certamente é um reflexo do que aprendo com ela cotidianamente sobre lutar por direitos sociais e políticos.

Aos meus avós Maria e Evaristo (*in memoriam*), por serem o meu cais, o meu lugar de afeto preferido e por me ensinarem tanto sobre a vida. Sem tudo o que vivi e aprendi com eles, essa caminhada nem existiria.

Por fim, em nome dos meus avós, estendo o meu agradecimento a todos os outros familiares, que alegram a minha vida e que cuidam de mim em oração.

Faço essa travessia certa de que ela só está sendo possível porque encontrei pessoas incríveis.

A todas elas, o meu mais sincero agradecimento a abraço-casa.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AATR – Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais

AMDH – Monitoramento dos Direitos Humanos no Brasil

ANM – Agência Nacional de Mineração

APA – Área de Proteção Ambiental

ASPAT – Associação de Pequenos Agricultores de Taquaril dos Fialhos

BAMIM – Bahia Mineração S/A

CBPM – Companhia Baiana de Pesquisa Mineral

COODECANA – Cooperativa de Agricultores Familiares e Economia Solidária da Região do Vale do Rio Gavião e Serra Geral da Bahia

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CVP – Vale do Paramirim Participações S.A

DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBRAM – Instituto Brasileiro de Mineração

MAM – Movimento pela Soberania Popular na Mineração

MNDH – Movimento Nacional de Direitos Humanos

MPF – Ministério Público Federal

PAD – Processo de Articulação e Diálogo Internacional

RFSA - Rede Ferroviária Federal S/A

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – O território de Taquaril dos Fialhos

Mapa 2 – O território de Taquaril dos Fialhos

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Grupos domésticos em Taquaril dos Fialhos, 2023

Quadro 2 – Relação de rezas e seus significados

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Sela - acolchoado para usar sobre o cavalo

Foto 2 – Carro de boi - carro que é atrelado ao boi utilizado como transporte

Foto 3 – Roupa usada para montar a cavalo

Foto 4 – Ferradura

Foto 5 – Berrante - instrumento feito de chifre de boi e couro para tocar o gado

Foto 6 – Chapéu de couro

Foto 7 – Cabo da taca utilizada para conduzir cavalo

Foto 8 – Estribo - calçado utilizado por quem monta a cavalo

Foto 9 – Espora - utilizada no calçado de quem monta a cavalo

Foto 10 – Cocho - local onde é colocada a comida do gado

Foto 11 – Canga - utilizada para puxar o carro de boi

Foto 12 – Bico de arado - utilizado para lavrar a terra

Foto 13 – Engenho - utilizado para produção de cana-de-açúcar

Foto 14 – Casa de rapadura - local com objetos onde é produzida rapadura

Foto 15 – Pilão - utilizado para triturar geralmente alimentos.

Foto 16 – Ferro de passar roupa

Foto 17 – Balança

Foto 18 – Máquina de fiar - utilizada para transformar fibras têxteis de algodão, seda e lã em fio

Foto 19 – Novelo

Foto 20 – Máquina de costura

Foto 21 – Oratório - utilizado para colocar símbolos religiosos

Foto 22 – Crucifixo

Foto 23 – Porta-retratos com representação de Jesus

Foto 24 – Moringa de barro- utilizada para colocar água

Foto 25 – Baú utilizado para guardar roupas

Foto 26 – Facção

Foto 27 – Trecho de uma carta

Foto 28 – Rádio

RESUMO

Esta pesquisa é resultado de um estudo etnográfico que teve como objetivo interpretar conhecimentos e práticas que emanam das memórias de Taquaril dos Fialhos, uma comunidade camponesa situada no município de Licínio de Almeida, no sudoeste baiano. Para tanto, o trabalho de campo, realizado em julho de 2023, fez emergir categorias analíticas fundamentais para a compreensão dos mecanismos que projetam a memória como elo entre o passado e presente e, por assim dizer, as conexões simbólicas, materiais e imateriais, entre as diferentes gerações na comunidade. Taquaril dos Fialhos tem, hoje, 85 habitantes, distribuídos em 32 famílias nucleares que mantêm, há cinco gerações, uma descendência comum. É banhada pelo rio do Salto e possui terras férteis que são cultivadas tradicionalmente pelos seus moradores. Ao longo de mais de 100 anos, a comunidade é símbolo de auto-organização e coletividade. Recentemente, essas características têm se mostrado importantes no processo de resistência às atividades de mineração que se estabelecem na região, com características antagônicas aos modos de vida tradicional. Gestado coletivamente, por mim e pelos filhos de Taquaril dos Fialhos, a pesquisa que origina esta monografia emerge com vistas a valorizar e evidenciar as memórias dessa comunidade, que são construídas simbolicamente na oralidade, nos objetos de herança, nas normas de parentesco e de acesso à terra, na solidariedade, na fé e na defesa pelo direito ao território em que vivem.

Palavras chave: memória; objetos; parentesco; solidariedade; território.

ABSTRACT

This research is the result of an ethnographic study that aimed to interpret the knowledge and practices that emanate from the memories of Taquaril dos Fialhos, a peasant community located in the municipality of Licínio de Almeida, in southwestern Bahia. To this end, the fieldwork, carried out in July 2023, led to the emergence of fundamental analytical categories for understanding the mechanisms that project memory as a link between the past and the present and, as it were, the symbolic, material and immaterial connections between the different generations in the community. Today, Taquaril dos Fialhos has 85 inhabitants, spread over 32 nuclear families who have had common descendants for five generations. It is bathed by the River Salto and has fertile land that is traditionally cultivated by its residents. For over 100 years, the community has been a symbol of self-organization and collectivity. Recently, these characteristics have proved important in the process of resistance to the mining activities that have been established in the region, with characteristics that are antagonistic to traditional ways of life. Generated collectively by myself and the residents of Taquaril dos Fialhos, the research that led to this monograph emerges with a view to valuing and highlighting the memories of this community, which are symbolically constructed through orality, heirlooms, kinship rules and access to land, solidarity, faith and the defense of the right to the territory in which they live.

Keywords: memory; objects; kinship; solidarity; territory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO AFETIVO METODOLÓGICA CONCEITUAL.....	16
CAPÍTULO 1 – UM RISCO ELABORADO PARA UMA DESCRIÇÃO DENSA.....	23
1.1 O município de Licínio de Almeida onde está situada Taquaril dos Fialhos.....	23
1.2 O trabalho de campo exploratório.....	25
1.3 O caminho até Taquaril dos Fialhos.....	29
CAPÍTULO 2 – PARENTESCO, SISTEMA PRODUTIVO E SOLIDARIEDADE EM TAQUARIL DOS FIALHOS.....	32
2.1 Parentesco e territorialização.....	32
2.2 Sistema produtivo de base familiar.....	39
2.3 Território de reciprocidade.....	47
CAPÍTULO 3 – FÉ E RELIGIOSIDADE EM TAQUARIL DOS FIALHOS.....	52
3.1 O catolicismo.....	52
3.1 O catolicismo popular: o ofício das benzedeadas.....	54
CAPÍTULO 4 – TERRITÓRIO TERRA-ABRIGO E TERRITÓRIO EXTRATIVO-MINERAL EM TAQUARIL DOS FIALHOS.....	61
CAPÍTULO 5 – OS OBJETOS TESTEMUNHAM O TEMPO VIVIDO.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87
ANEXOS.....	91

INTRODUÇÃO AFETIVO METODOLÓGICA CONCEITUAL

Narrar os acontecimentos que me aproximaram de Taquaril dos Fialhos é parte de um caminho de inseguranças e bons encontros. Há algum tempo ensejo a escrita do meu trabalho de conclusão de curso, e, mais que isso, há algum tempo sou convocada por temas de grande relevância social. Por vezes me debrucei sobre esses temas e cheguei a elaborar questões que mereciam ser respondidas cientificamente. Ao passo que me dedicava a essas questões, eu era surpreendida por barreiras metodológicas, dificuldades para iniciar a escrita e circunstâncias paralelas à minha trajetória acadêmica que exigiam muito de mim.

Em dezembro de 2022, por ocasião do estágio em antropologia exercido por mim no Ministério Público Federal (MPF), na Procuradoria da República na Bahia, tive acesso à representação enviada em junho de 2020 pela Associação dos Pequenos Agricultores de Taquaril dos Fialhos (Aspat) ao MPF. No texto, a comunidade se apresentava como uma comunidade tradicional centenária que sobrevive da agricultura familiar e reivindicava dessa instituição medidas de preservação social e ambiental, considerando, sobretudo, a atuação de empresas de mineração no território. A Procuradoria da República em Guanambi, atuante na abrangência de Licínio de Almeida, município onde está situada Taquaril dos Fialhos, solicitou à sua Secretaria de Perícia, Pesquisa e Análise uma perícia antropológica que verificasse os fatos constantes na representação. Foi nesse cenário que, como estagiária, iniciei buscas por materiais já produzidos sobre Taquaril dos Fialhos, e que subsidiassem a escrita do relatório antropológico a ser desenvolvido pela antropóloga do MPF.

Nesse mesmo período eu construía o meu trabalho de conclusão de curso, cujo tema destoava do que algum tempo depois iria emergir e me convocar à mudança. Foi entre os meses de janeiro e abril que estabeleci novos caminhos de pesquisa e, em seguida, passei a interpretar as memórias e as práticas dos moradores em Taquaril dos Fialhos por meio de um estudo etnográfico¹. Essa iniciativa foi possível, a princípio, por causa do meu trabalho no MPF, mas outros três motivos me impulsionaram: o desejo de estudar e narrar o sertão baiano, de onde venho; o apoio da minha orientadora, que não hesitou quando propus a mudança de tema e,

¹ A escolha pela realização de um estudo etnográfico e não de uma etnografia se deu em virtude das limitações relacionadas ao tempo disponível para a pesquisa e da logística que deveria ser desempenhada para que o trabalho de campo acontecesse. Eu, residindo em Salvador, precisei me deslocar com recursos próprios para Taquaril dos Fialhos. A compreensão e ajuda dos moradores da comunidade, nesse sentido, foram imprescindíveis para que o trabalho acontecesse. Ainda assim, estávamos submetidos à distância e à administração do tempo que é atravessado por inúmeras outras necessidades. Por isso, foi metodologicamente viável optar por uma escrita fundamentada no rigor etnográfico, e não por uma etnografia.

principalmente, a acolhida da comunidade, nos primeiros momentos, por meio da filha de um casal de moradores de Taquaril², que se mostrou receptiva e entusiasmada com a possibilidade da pesquisa.

A realização de uma pesquisa, segundo James Clifford e George Marcus (2016), é uma forma de comunicação entre pessoas que procuram entendimento. Eles afirmam que o empreendimento etnográfico deve voltar-se para um objetivo relacional, pois fatos dificilmente existem sem relações. Esse trabalho se consolida, portanto, com base nessa compreensão. Eu, nascida em Guanambi, cidade próxima à localidade de Taquaril dos Fialhos, conhecia aquela que se tornaria a minha interlocutora durante a pesquisa, antes mesmo de saber sobre a comunidade. Leila é professora municipal em Guanambi e colega de trabalho da minha mãe, também professora, com quem passei bastante tempo durante o período da pandemia causada pela Covid-19. A minha mãe, em vários momentos, relatava sobre o comprometimento e sensibilidade de Leila ao lidar com as políticas educacionais. Quando eu soube que Leila nasceu e morou em Taquaril dos Fialhos durante a infância, juventude e boa parte da fase adulta, encontrei na relação estabelecida entre ela e minha mãe um caminho que viabilizou o nosso primeiro contato. A referência que obtive da minha mãe sobre Leila e o meu primeiro diálogo com ela, geraram em mim boas expectativas, pois tudo indicava que a maneira comprometida e sensível com que Leila lidava com as questões educacionais se revelaria também durante a pesquisa que se firmava por meio da parceria que se estabelecia entre eu e Taquaril dos Fialhos, naquele momento muito bem representada por Leila.

O tema da pesquisa, elaborado de acordo com as expectativas da comunidade, é algo que além de mobilizar Taquaril dos Fialhos em vários aspectos, também me mobiliza. Em abril de 2023, num dos primeiros diálogos que tive com Leila, tornada interlocutora-chave desta pesquisa, percebi a troca que se estabelecia entre antropólogo e nativo. Em outros termos, começamos a elaborar o que a antropologia contemporânea, por meio de autores como James Clifford e George Marcus (2016), compreende como uma dimensão que incorpora o poético e o político. Eu, movida pela curiosidade e sensibilidade apreendida por meio de trabalhos etnográficos e pelo comprometimento científico despertados após a leitura da representação enviada ao MPF e após ter conhecido materiais sobre a comunidade produzidos por profissionais de outras áreas do conhecimento, interessava-me em partilhar com Taquaril dos Fialhos um objetivo em comum entre nós que consistia na valorização da sua identidade; a

² No decorrer do texto, ora escrevo Taquaril, ora escrevo Taquaril dos Fialhos. Trata-se da mesma comunidade.

minha interlocutora, por sua vez, já anunciava um desdobramento desse objetivo que se traduzia em interpretar os objetos de herança da comunidade como expressões de sua identidade no passado e no presente. Assim, eu era convocada por objetos fundamentais na história de Taquaril dos Fialhos a construir um objeto que é fundamental para mim, o meu trabalho de conclusão de curso.

Para tanto, a realização do trabalho de campo era uma etapa fundamental e as negociações em torno disso se iniciavam. Eu previa algumas dificuldades nesse processo, porque eu residia em Salvador e estava a uma distância de, em média, 700 quilômetros da comunidade. A princípio, enviei para a Associação dos Pequenos Agricultores de Taquaril dos Fialhos um texto em que eu expunha a proposta de pesquisa e as técnicas necessárias para desenvolvê-la. Como sugestão, apresentei datas nos meses de maio e junho para a observação participante. Mas segundo a minha interlocutora, o ideal seria que o trabalho de campo acontecesse concomitante a ida da Articulação para o Monitoramento dos Direitos Humanos no Brasil (AMDH) à comunidade, no entanto, para a concretização desse momento ainda não havia data definida. O Monitoramento, em 2022, apresentou um relatório de casos de violações dos direitos humanos no contexto da pandemia causada pela Covid-19, e, entre eles, estava o caso de Taquaril dos Fialhos. Havia uma proposta de continuação dos trabalhos da AMDH com a comunidade e, por isso, a expectativa da minha interlocutora e de outros representantes era de que o meu trabalho e o da AMDH se somassem. Para Taquaril, o diálogo com movimentos sociais e políticos se tornou algo importante. Acerca do que a pesquisa me comunicava nesse e em outros momentos que menciono em seguida, é possível afirmar, com base nas contribuições de Maia (2000) que

Se, para realizar uma pesquisa, o antropólogo está preso a uma rede de relações com significados específicos, sua inserção em um campo de pesquisa supõe a compreensão de uma outra teia de relações e a negociação de sua presença. O desenvolvimento de um trabalho científico implica em aceitação dos modelos científicos e o reconhecimento pela academia. É preciso incorporar linhas de pesquisa, discussões teóricas e metodológicas dos centros de estudos que estamos envolvidos. Nossos trabalhos serão discutidos com outros cientistas dentro de cânones específicos. É "a ordem do campo científico". Entretanto, os objetos de estudo impõem seus padrões, principalmente se estivermos falando de grupos pertencentes a movimentos sociais e políticos. Em alguns casos, como grupos indígenas, grupos das religiões afro-brasileiras, os nativos têm seus *ólogos* para tratar com os pesquisadores. Assim, o antropólogo convive com outras regras que não constam nos velhos manuais científicos. Deste modo, é um conhecimento fundamentado em um poder legitimado pela academia e, ao mesmo tempo, sujeito às regras de um outro campo, o universo do pesquisado. A negociação assume formas diversas, quer se trate de bairros urbanos, quer de grupos indígenas ou outros. O grau de distanciamento e proximidade com nativos é avaliado no decorrer da experiência de campo, definindo a continuidade ou

não da pesquisa. O campo de pesquisa condiciona a observação, uma vez que o antropólogo esbarra sempre em posições políticas e hierárquicas de "nativos" e suas relações, que têm seus códigos, seus sistemas de pensamento, suas lógicas, seu contato com o contexto mais amplo.

Seguir esta linha de discussão, é repensar o trabalho de campo, a partir da subjetividade na relação entre o antropólogo e os informantes, como ponto central na construção de etnografias, conceitos e teorias na antropologia (Grossi, 1992). As experiências etnográficas ocorrem através de um processo de comunicação, de trocas, de negociação entre o antropólogo e os nativos. Nestes termos, são experiências fragmentadas, com muitas vozes, que se expressam na dialogia (p. 134-135).

A dinâmica de Taquaril dos Fialhos e os quilômetros que nos separavam adiaram o trabalho de campo, e, conseqüentemente, a escrita do meu trabalho de conclusão de curso. Lidar com esses desafios foi uma escolha corajosa e afetuosa feita por mim logo quando cogitei desenvolver a pesquisa. Diante desse contexto de desafios e escolhas, encontramos formas de me aproximar do campo de pesquisa. Em maio, a minha interlocutora enviou para mim 319 fotografias dos objetos de herança e de outros elementos que remetem à memória de Taquaril dos Fialhos. Esses registros foram feitos pelos moradores da comunidade antes de planejarmos a pesquisa e já compunha as estratégias de valorização da identidade em Taquaril dos Fialhos. Poder acessá-los foi uma demonstração do vínculo de confiança que se estabelecia entre eu e o grupo pesquisado.

A minha ida à comunidade aconteceu no dia 12 do mês de julho, mas sem a presença da AMDH, que, entre os meses de maio e julho, não apresentou disponibilidade. O trabalho de campo que eu havia planejado, ganhou uma nova forma quando a minha interlocutora solicitou que eu socializasse com a comunidade o relatório antropológico do Ministério Público Federal, feito por consequência da representação enviada pela associação. A proposição tinha como objetivo explicar aos moradores quais os desdobramentos do trabalho de campo feito pela antropóloga do MPF, e, sobretudo, qual o conteúdo do relatório escrito por ela. Esse é um documento que a comunidade possui acesso, assim como todas as outras peças que compõem o processo. Deste modo, eu pude me colocar não como estagiária do Ministério Público Federal, mas como a estudante de Ciências Sociais que analisaria junto à comunidade o relatório antropológico e que iniciaria uma pesquisa acerca das memórias em Taquaril. Essa troca, revelava, mais uma vez, o que Maia (2000) denomina como dialogia.

As possíveis categorias discursivas e as reflexões que surgiam a partir dessas experiências iniciais eram registradas cuidadosamente por mim num arquivo que intitulei por *Fragmentos*. Escrevo esse trecho da monografia antes de concluí-la, mas estou certa de que o

Fragmentos será alimentado por bastante tempo, pois a elaboração de um trabalho com base etnográfica tem se revelado para mim como algo que convoca contínuas reflexões à medida que os elementos de uma cultura vão sendo interpretados. Assim, ao lado dessa escrita está outra, intimista e fragmentada. É possível que o *Fragmentos* seja “um diário no sentido estrito do termo”, título dado ao diário pessoal de Malinowski, feito durante o seu trabalho de campo nas ilhas Trobriand, na Melanésia, e publicado postumamente em 1967. Mas é importante que seja pontuado aqui uma diferença primordial entre ambos: apesar do pioneirismo de Malinowski no diário de campo pessoal, o *Fragmentos* traz consigo influências de muitas reflexões feitas por antropólogos que vieram depois dele, e que romperam com determinados preconceitos e paradigmas.

Após a experiência de campo e a construção de ideias com base em tudo que eu havia reunido sobre Taquaril dos Fialhos, consolidei o objetivo que conduz a pesquisa. Trata-se de **interpretar conhecimentos e práticas que emanam das memórias dos moradores de Taquaril dos Fialhos**. Isso me levou, inicialmente, a pensar nas seguintes categorias operativas que refletem identitariamente a comunidade: objetos, ancestralidade, memórias e solidariedade.

Para Geertz (1997; 2008), o conceito de "objeto" refere-se a elementos culturais que podem ser interpretados e analisados a fim de compreender os significados culturais dentro de uma sociedade ou grupo. Segundo ele, a antropologia deve se concentrar não apenas em estudar os aspectos materiais da cultura, mas também em interpretar os sistemas simbólicos que dão significados a esses aspectos materiais. Portanto, um objeto pode ser lido como um símbolo que carrega significados culturais. Aqui, os objetos estão ligados à experiência de vida dos sujeitos que compõem Taquaril dos Fialhos. É sobre esse lugar que eles falam e tecem uma paisagem.

A “ancestralidade”, por sua vez, resgata e compreende os elos entre as gerações de uma comunidade ou grupo humano. O modo como esses elos influenciam a identidade, a cultura e as relações sociais ao longo do tempo também são concebidos por essa categoria. Em Taquaril dos Fialhos, seus membros se dedicam à compreensão da sua ancestralidade, pois, contrários à exposição a que foram submetidos no processo de individualização do mundo moderno diante da mundialização da cultura (Ortiz, 1994) expressa, nesse caso, pelas empresas de mineração que se inserem na comunidade, são convocados a consolidarem um quadro de demonstração dos seus laços sociais e dos seus sistemas simbólicos associados à linhagem de parentesco

ancestralmente comum predominante entre eles, a fim de defenderem o território³ em que vivem.

A preservação e transmissão de objetos, conhecimentos, tradições, práticas e histórias em Taquaril dos Fialhos configuram a “memória”. Percebida em diversos modos de sociabilidade entre as famílias, e, sobretudo, como uma estratégia de autoafirmação utilizada por elas, essa categoria revela a predominância de signos e sentimentos de pertencimento mantidos e reinventados pela comunidade. O território habitado, nesse caso, é o alicerce dos templos que sediam as memórias. As pessoas são os próprios templos. Para Halbwachs (1990), a memória coletiva, como aqui é compreendida, exerce uma função essencial nos processos históricos à medida que infunde vitalidade aos objetos culturais e os preserva, realça momentos históricos e, assim, abriga passados importantes para os grupos sociais. Em Taquaril, a memória coletiva protagoniza a história e resiste aos silêncios.

O conceito de “solidariedade”, aqui abordado à luz das contribuições de Marcel Mauss (2003), compreende que o valor das coisas não é superior ao valor das relações que as envolvem e que o simbolismo é fundamental para a vida em sociedade. Segundo Mauss (2003), as práticas de dar, receber e retribuir são intrínsecas a solidariedade e constituem o que ele chamou de dádiva, possível de ser identificada em diversos momentos de um grupo ou uma sociedade, seja através de um presente, uma visita, uma ajuda, uma herança, uma festa e até mesmo em tributos. Taquaril dos Fialhos revela a teoria de Mauss quando cria e mantém alianças que sustentam a comunidade por meio de relações próprias de solidariedade.

Assim, através de elementos simbolicamente habitados por gerações e categorizados neste trabalho, Taquaril dos Fialhos narra sua história e dispersa sentidos no mundo. É com vistas a valorizar e colocar em evidência essas memórias que o estudo etnográfico ora apresentado se assenta. Para tanto, realizei o trabalho de campo durante uma visita ao território da comunidade; utilizei registros fotográficos de objetos materiais, de pessoas e de momentos de socialização; interpretei materiais já produzidos sobre a comunidade; participei de reuniões virtuais onde foram discutidos interesses da comunidade relacionados a autoidentificação; e

³ O conceito de território adotado ao longo deste trabalho está ancorado na concepção defendida pelo geógrafo Milton Santos. Segundo o autor, um território, seja ele natural ou artificial, é definido pelo uso que é exercido sobre ele por uma determinada sociedade. Esse uso é articulado tanto por uma herança social quanto por um movimento atual, ambos relativos à ocupação e o trabalho de um povo. Assim, conforma-se a ideia de que o “o território usado é o chão mais a identidade” (Santos, 2007, p. 14). O autor ainda compreende que o território usado é uma totalidade, pois de um lado demonstra a estrutura global da sociedade, e do outro, a sua própria complexidade.

dialoguei com alguns moradores, por meio de mensagens de *WhatsApp* e ligação, sobre temas abordados na escrita. Esses diversos recursos e técnicas se juntam à observação participante, num trabalho de campo que se desenhou, como anunciado anteriormente, numa única visita, e que se mostram como uma alternativa complementar cuja pertinência é medida conforme possibilita acesso às estruturas sociais e aos pontos de vista de determinada cultura.

A minha única ida à comunidade criou laços de confiança e nutriu boas expectativas com relação a como nós, eu e Taquaril dos Fialhos, poderíamos contribuir de maneira recíproca para a escrita desse texto. Não ter havido um longo período de trabalho de campo nos fez criar mecanismos de imersão nas memórias e práticas dos moradores. Assim, posso dizer que tive a grata oportunidade de visitar elementos de valor muito estimado para Taquaril, mesmo sem ter realizado um longo trabalho de campo.

Ao longo do texto, apresento o conteúdo de documentos, mapas, uma árvore genealógica, fotografias e informações coletadas em produções audiovisuais. Esses materiais foram construídos pela própria comunidade Taquaril dos Fialhos. Apresentá-los é uma escolha que compõe meu caminho metodológico, no sentido de evidenciar as elaborações da comunidade em torno da sua identidade, como prática de auto-organização e estratégia em defesa do território; e no sentido de apresentar elementos da cultura de Taquaril, alguns observados por mim *in loco*, outros confiados a mim através de preciosos diálogos, documentos, fotografias, vídeos e áudios.

CAPÍTULO 1 – UM RISCO ELABORADO PARA UMA DESCRIÇÃO DENSA

1.1 O município de Licínio de Almeida onde está situada Taquaril dos Fialhos

A comunidade Taquaril dos Fialhos está situada no município de Licínio de Almeida, na região sudoeste da Bahia e se insere nos biomas Caatinga e Cerrado. Segundo Freire e Santana (2022), com base na evolução político-administrativa do território baiano, é possível afirmar que as primeiras ocupações identificadas no território hoje pertencente a esse município se deram no período das capitanias hereditárias. Mas somente a partir de 1720, com a criação da Vila de Santo Antônio da Jacobina, comarca responsável por administrar todo o interior da Bahia até a divisa com Minas Gerais, é que se registra uma ocupação mais consistente desse território.

Na década de 1930 ocorriam as primeiras povoações nas proximidades da lagoa Gado Bravo, existente na localidade até os dias atuais. Mais tarde, em 1940, essa região presenciava a construção da Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA), empresa estatal brasileira de transporte ferroviário que teve a sua fundação em 16 de março de 1957, por meio da Lei 3.115. Nesse cenário, formou-se o arraial Gado Bravo, que passou a receber um grande fluxo de pessoas e que logo configuraria o município de Licínio de Almeida. Com isso, surgiam novas edificações e moradias que serviam de base para os trabalhadores da ferrovia. Rapidamente o arraial se transformou num povoado e, em 1953, por meio da Lei Estadual nº 628, foi instituído como distrito e teve o seu nome alterado para Licínio de Almeida como homenagem a um engenheiro daquela obra ferroviária. Somente em 12 de abril de 1962, a Lei Estadual nº 1.670 assegurou a emancipação política de Licínio de Almeida, transformando-o em município.

Hoje, o município tem a Serra Geral como Região de Planejamento e Econômica, está sob a Região Administrativa de Caetité, e integra a microrregião de Guanambi. É composto por alguns bairros, pela vila Duas Passagens, pelo distrito Tauape, pelo povoado Jurema e por uma ampla quantidade de comunidades rurais, entre elas está Taquaril dos Fialhos.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2022), Licínio de Almeida constitui uma área de 856,626 km² e possui uma população de 11.834 pessoas. Faz limite geográfico “ao norte com Ibiassucê e Caetité, ao sul com Jacaraci, ao oeste com Pindaí e Urandi e a leste com Caculé” (Freire e Santana, 2022, p. 18). Está a uma distância de 754 km da capital baiana e mantém contínuas relações comerciais com as cidades de Guanambi e Caetité.

Ao longo dos anos, a dinâmica econômica do município se desenvolveu, sobretudo, em virtude da prática da agricultura, da pecuária, da instalação da linha férrea e da exploração mineral (Freire e Santana, 2022).

Atualmente, a região onde está situado Licínio de Almeida é uma das responsáveis por inserir a Bahia no terceiro lugar do ranking nacional de estados com maior produção minerária, conforme apontam os dados do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram, 2023). Há bastante tempo, esse quadro tem provocado alterações nas dinâmicas de diversas comunidades camponesas na Bahia, ocasionando, assim, uma série de conflitos⁴ territoriais.

Acerca desse tema, Antonino (2019) afirma que:

Dados do DNPM⁵ na Bahia indicam cadastramentos de pesquisas minerais desde 1935. A Bahia é um estado com grande extensão territorial pertencente ao Cráton do São Francisco⁶, região de aproximadamente 4 bilhões de anos na escala do tempo geológico. É uma região recheada de saberes geológicos marcados nas rochas durante o tempo, uma das explicações para tanta “riqueza mineral” que é manifestada em seu território. Por outro lado, também, registrando conflitos territoriais com a mineração em quase todas as regiões e nos municípios por onde já foram realizadas esse tipo de atividade extrativista, seu beneficiamento ou por onde passou sua infraestrutura logística (p. 192).

A presença de empresas de mineração em Licínio de Almeida, mais precisamente no território de Taquaril dos Fialhos, não resultou em algo diferente do panorama sinalizado por Antonino (2019). Como consequência dos conflitos territoriais que se desdobraram em Taquaril dos Fialhos, decorrentes da atuação das empresas de mineração, os moradores passaram a resgatar elementos socioculturais que os caracterizam, a fim de sinalizar a existência de uma identidade tradicional no território. De um lado, empresas desenvolvendo pesquisas para fins de exploração mineral em Taquaril dos Fialhos; do outro lado, os moradores de Taquaril defendendo o direito de decidir sobre a terra em que vivem tradicionalmente há mais de cinco gerações. Isso evidencia o que Barth (1995) constatou: a identidade étnica não é uma característica fixa e inerente a um grupo étnico, mas sim uma construção social que surge das interações entre diferentes grupos. Sob essa mesma perspectiva Oliveira (1976) afirmou se

⁴ O conceito de conflito utilizado nesta monografia está amparado em correntes teóricas que o compreendem como um elemento constitutivo das interações sociais, que, por sua vez, não refletem equilíbrio harmônico (Simmel, 1926; 1927; Barth, 1995; 2000).

⁵ Sigla para Departamento Nacional de Produção Mineral.

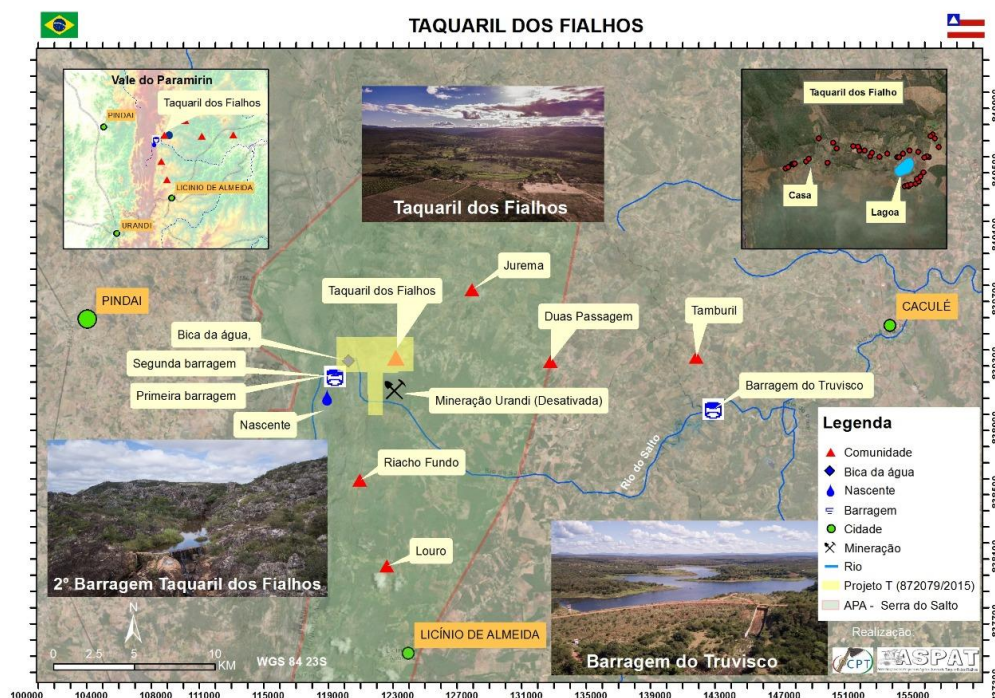
⁶ O Cráton do São Francisco (Almeida 1967, 1977) abrange principalmente os estados da Bahia e de Minas Gerais e é a mais bem exposta e estudada unidade tectônica do embasamento da plataforma sul-americana (BARBOSA; MARINHO; SABATÉ, 2003).

Em meados de 1910, Pedro e sua esposa Luzia chegaram à comunidade Taquaril dos Fialhos, localizada às margens da Serra Geral (a popular Serra do Salto), no município de Licínio de Almeida, a 750 km da capital Salvador, no sudoeste da Bahia. Eles tiveram nove filhos, que cresceram, casaram-se e fizeram da comunidade um território familiar. Quando os filhos assentaram a primeira pedra que sustenta a singela capela de São Pedro, certamente não imaginaram que a rocha, símbolo da firmeza, num futuro não tão longe poderia transformar-se em pesadelo (Lisboa; Lobo, 2021).

Outro texto apresentava Taquaril dos Fialhos como o “oásis do sertão” (Oliveira, 2020). Por oásis, entende-se uma pequena região fértil e abundante de água no deserto. Nessa mesma matéria, continha uma galeria de fotos e, uma delas, registrou uma região ensolarada com vasta presença de rochas marcadas por uma discreta cor verde da vegetação presente, e, ao meio, o curso de uma água límpida e exuberante refletindo o céu azul carregado de nuvens brancas que pareciam tocar as pedras. Era uma parte de Taquaril dos Fialhos. A definição utilizada no texto fazia todo sentido.

Algumas fotografias registraram áreas de plantio e cultivo, pessoas em suas atividades diárias de cuidado com o gado e com a alimentação. Além disso, durante as minhas buscas, encontrei também um mapa elaborado pela Associação dos Pequenos Agricultores de Taquaril dos Fialhos. Nele foram destacados pontos importantes para que eu me situasse geograficamente com relação não apenas à comunidade, mas ao seu entorno e a elementos importantes que de alguma forma interferem na sua dinâmica, a saber: cidades; comunidades rurais; o rio do Salto; a barragem do Truvisco; a primeira e a segunda barragem; uma nascente de rio; uma bica de água; uma área de uso da mineração; a Área de Proteção Ambiental (APA) na Serra do Salto; e o Projeto T.

Mapa 2 – O território de Taquaril dos Fialhos



Fonte: CPT e Aspat.

Assim, consolidou-se em meu imaginário uma pequena comunidade camponesa que utilizava dos seus recursos naturais para subsistência. Interessava-me, então, conhecer as pessoas e as histórias que compunham essa comunidade. No documentário “*Não é só uma terra... Nada paga a vida que temos aqui*” (2020), dirigido pelo agente e fotógrafo da Comissão Pastoral da Terra – Regional Bahia (CPT), Thomas Bauer, e construído numa parceria da Aspat com o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), eu pude ver e ouvir alguns moradores de Taquaril dos Fialhos. O curta-metragem foi resultado de uma mobilização coletiva da comunidade, que teve como objetivo anunciar para a sociedade a sua história, os conflitos provocados em seu território por empresas de mineração, e, retratar, principalmente, por meio das falas de moradores da comunidade e do então secretário de meio ambiente de Licínio de Almeida, o sentimento de pertencimento das pessoas vinculadas àquele território e o desejo de defendê-lo, preservá-lo e de se manterem ali. Destaco algumas dessas falas⁷:

“Aqui tem essa comunidade nossa, onde eu moro. Aqui era tudo mato. Não tinha lavoura não. O pessoal que morava aqui não trabalhava. Era tudo mato. Nós

⁷ As falas foram retiradas do documentário “*Não é só uma terra... Nada paga a vida que temos aqui*” (2020), publicado no YouTube. Os nomes citados também constam no vídeo. Para visualizá-lo: <https://www.youtube.com/watch?v=J4QcC6egFk8&t=754s>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

começamos a trabalhar e a fazer roça. Aqui, as culturas são muito boas, ainda mais naquele tempo que chovia muito. Era muita fartura!” (José Francisco Lisboa)

“Pra mim, a riqueza são nossos vizinhos, além de ser tudo de uma família, praticamente da mesma família. É a amizade, é o esporte, inclusive a gente tem a área de lazer nossa, tem o *society* que a gente brinca. As lembranças dos avós da gente que criou a filharada toda aí. Todos eles tiveram bastante filhos. Praticamente todos eles estão na comunidade [...]. Hoje a gente tem várias culturas. Tem alguém que mexe com criação, gado. Outros com maracujá. Está surgindo a manga de uns dois anos pra cá também. É tudo envolvido na agricultura familiar” (Ginaldo da Silva Carvalho).

“[...] É muito triste a gente saber que a gente mora num lugar, onde a gente sobrevive, tem tranquilidade e ser preciso a gente sair por causa de uma mineradora que entra, tira tudo que tem e só deixa estragos. [...] Nós estamos aí diante desse problema. Um problema mesmo, porque a gente vê os lugares por onde ela [a mineração] passa. Já está aí visto. As pessoas saem e vão para outros lugares, sem querer. Nunca mais podem voltar. Isso a gente não quer aqui. A gente está aqui. A gente quer ficar aqui. A gente sobrevive daqui. A gente não quer sair daqui por causa dessa mineradora. Aqui já temos nossos filhos, temos casa. Temos tudo. É muito difícil. Nós estamos adaptados a um lugar e é preciso sair para outro, por uma coisa que vai chegar e só vai trazer estragos. Por mais que eles indenizem, paguem, isso não vale a vida que a gente tem. Nada paga isso” (Dalvina Muniz de Carvalho).

“Eles vieram novamente aqui, dizendo que iam fazer uma pesquisa da mineração. Que eles utilizariam as picadas antigas e fariam outras. Em algumas localidades aqui, eles chegaram a entrar e fazer picadas, mas não chegaram a recolher o material para análise de dados. Eles chegaram a dizer pra minha tia em um certo momento que a gente só ia ficar aqui de três a cinco anos, no máximo. Que a gente iria embora, porque aqui tinha minério e que era bom pra gente, que ia gerar emprego e que quanto mais a terra possuísse valor pra gente, seria melhor o valor financeiro pra eles fazerem todo o procedimento de nos realocar pra outro lugar. [...] Se para vocês uma pedra é importante e tem um valor financeiro muito alto, pra gente a pedra preciosa é a comunidade. Ali a gente tem a nossa infância. Eu passei a maior parte da minha infância aqui. Outras pessoas estão aqui há muito mais tempo que eu e carregam consigo esse valor histórico, cultural e emocional. Não é só uma terra. Não é só uma casa. Pra gente é muito mais que isso” (Andréia Muniz Lisboa).

Pouco tempo depois, tive acesso a outras informações e materiais elaborados pela comunidade que ainda não haviam sido publicizados. Como mencionado no capítulo introdutório, a minha principal interlocutora compartilhou comigo 319 fotografias de objetos de herança, de pessoas e de momentos vividos por elas. Além disso, compartilhou também uma árvore genealógica, um mapa de parte do território da comunidade e uma linha do tempo com acontecimentos importantes da trajetória de Taquaril. Algum tempo depois, outros interlocutores compartilharam comigo mais fontes de informação que também foram, de alguma forma, inseridas aqui.

A aproximação possibilitada pelos textos já escritos, pelas histórias já contadas e pelos registros já feitos sobre Taquaril dos Fialhos, foi parte de uma caminhada que consolidaria rumo próprio a partir do trabalho de campo. Este, conforme recomenda Geertz (2008), deve resultar

numa descrição densa, feita à luz de um objetivo: proporcionar compreensão sobre estruturas significantes observadas no contexto pesquisado. Assim se faz um estudo etnográfico.

E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é **estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário**, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. **O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”**, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle (Geertz, 2008, p. 4).

Partindo dessa compreensão, explico: o trabalho de campo feito por mim em Taquaril dos Fialhos aconteceu durante um dia. Considerando circunstâncias práticas, como logística e disponibilidade de tempo dos meus interlocutores, ocorreu o que foi possível. Mas isso não me condicionou a um esforço intelectual menor. Pelo contrário, dispondo de técnicas, como as que foram elencadas em citação supra e consciente da limitação que tive com relação à ida a campo, atentei-me cuidadosamente a todas as informações que consegui reunir por meio de fontes já consolidadas, por meio da observação participante e do diálogo contínuo com membros da comunidade. Isso me possibilitou traçar o “risco elaborado para uma descrição densa”, conforme instruiu Geertz (2008).

1.3 O caminho até Taquaril dos Fialhos

Viajei de Salvador a Guanambi no dia 30 de junho de 2023. Guanambi, cidade onde reside a maior parte dos meus familiares, fica a uma distância de 92,7 km de Licínio de Almeida, município em que está situada Taquaril dos Fialhos. Estive à disposição para fazer o trabalho de campo entre os dias 01 a 15 de julho. Fui à comunidade em 12 de julho, data viável diante da rotina de trabalho e da dinâmica familiar de Leila. Saímos de Guanambi no início da tarde - eu, ela, seu marido e filho - e viajamos, em média, durante 1h até chegarmos ao “oásis do sertão”.

No percurso, conversamos sobre muitos assuntos, mas não surpreendentemente, os mais recorrentes foram sobre a história de Taquaril dos Fialhos, sobre acontecimentos que atravessaram a comunidade e o que esperávamos dessa pesquisa. Optei por não fazer o registro das observações no meu diário de campo naquele momento. Como se tratava de um primeiro

contato pessoalmente, entendi que seria inadequado mergulhar em longas anotações, em lugar de conversar e observar o percurso na companhia de Leila, seu marido e seu filho.

A relação permeada por confiança e boas expectativas que foi estabelecida entre eu e Leila abriu portas para que mais relações se consolidassem. Nos dias seguintes, mantive contato com outros moradores de Taquaril dos Fialhos que conheci durante o trabalho de campo e que, voluntariamente, colocaram-se à disposição para narrarem as suas memórias sobre o território, e, mais que isso, compartilharem comigo anseios relativos à vida na comunidade.

Percorrendo a BR-122, avistamos o solo raso e pedregoso, com plantas de baixo porte e cactáceas; uma chuva fora de época havia molhado o solo da região e, por isso, percebemos alguns tons de verde. Vimos sítios com criação de bois e plantios; alguns poucos bares e casas. Mais à frente, já na BA-156, encontramos diversas torres eólicas. No sertão da Bahia estão concentrados inúmeros parques eólicos em operação e, por onde passamos, entre os municípios de Guanambi, Pindaí e Licínio de Almeida é possível avistá-los.

A comunidade de Taquaril dos Fialhos encaminhou uma representação ao MPF em junho de 2020, solicitando da instituição medidas de preservação social e ambiental, considerando, sobretudo, a atuação de empresas de mineração no território. Durante essa etapa da viagem, conversamos sobre essa temática, que já era esperada. Assim, avaliamos os possíveis desdobramentos dessa representação. Leila, notadamente influenciada pela condição de educadora – profissão exercida por ela no município de Guanambi -, provocou uma conversa sobre as possíveis contribuições da antropologia no processo de autoidentificação de Taquaril. Além disso, falamos sobre trabalhos de outras áreas da Ciência já desenvolvidos no território; discutimos sobre a prática de exploração minerária no Brasil e sobre como, ao longo dos anos, isso afetou e afeta Taquaril; ouvi histórias sobre estradas perigosas e sobre pessoas corajosas. Uma das histórias de coragem remonta à construção da barragem das Nascentes da Serra do Salto pelos próprios moradores de Taquaril dos Fialhos e de comunidades do entorno. A barragem é abastecida pelas nascentes da Serra do Salto e pelo rio do Salto, pertencentes à bacia hidrográfica do rio de Contas. A iniciativa foi motivada pela necessidade de garantir o abastecimento hídrico nas casas da região. Desde então, as águas dessa barragem chegam para as 32 famílias de Taquaril dos Fialhos, para comunidades vizinhas e para os municípios de Licínio de Almeida, Caculé, Rio do Antonio e Guajeru.

Seguimos por uma estrada de terra em direção a uma região de serras e avistamos porções mais altas do sertão. As chapadas recebem chuvas mais frequentes e, por isso, foi possível observar uma extensão de vegetação verde maior. O clima mais fresco e úmido – apesar do sol constante - permitiu o desenvolvimento de matas maiores e mais fechadas. Ao longe, Leila e seu companheiro me mostraram, entusiasmados, a localização do rio do Salto que é fonte de vida para Taquaril dos Fialhos e diversas outras comunidades do entorno, pois é o único recurso hídrico da região, como mencionado no parágrafo anterior. A sensação que tive era de que eles estavam me apresentando algo realmente muito valioso, que carrega nas suas águas a fonte de sobrevivência para toda uma população e a admiração e o respeito dos moradores de Taquaril.

O vasto chão de terra e o caminho estreito sinalizavam que estávamos nos aproximando do destino final. Antes, passamos pelo Borrocão, localidade que faz divisa com Taquaril. De lá, inclusive, descendem os primeiros moradores de Taquaril. Conforme resgatado pela memória dos mais velhos, no Borrocão habitavam também senhores de engenho, um deles se chamava Jacinto. Em diálogo com um membro da Cáritas⁸ que acompanha a trajetória de Taquaril há algum tempo, eu soube que existe uma diversidade de características entre as comunidades do entorno. É possível encontrar, por exemplo, comunidades com características quilombolas⁹ e de fundo e fecho de pasto.

⁸ A Cáritas Brasileira é um organismo da Igreja Católica que apoia iniciativas populares e promove ações de solidariedade. Ela atua em cinco áreas prioritárias: Economia Popular Solidária (EPS), Convivência com Biomas, Programa de Infância, Adolescência e Juventude (PIAJ), Meio Ambiente, Gestão de Riscos e Emergências (Magre) e Migração e Refúgio. Em Taquaril, a Cáritas desenvolve um trabalho coletivo e participativo em defesa do território.

⁹ Durante o trabalho de campo, um dos moradores de Taquaril dos Fialhos informou que antes da chegada dos primeiros habitantes daquela comunidade, por volta de 1903, existia no território uma casa de engenho e ali habitavam pessoas escravizadas. No entanto, quando da chegada desses primeiros moradores, o engenho não estava em funcionamento e não há relatos sobre a presença de escravos à época. Como este trabalho se restringiu a Taquaril dos Fialhos, não me dedico a compreender as características das comunidades do entorno. Apenas registro aqui a informação.

CAPÍTULO 2 – PARENTESCO, SISTEMA PRODUTIVO E SOLIDARIEDADE EM TAQUARIL DOS FIALHOS

2.1 Parentesco e territorialização

Ao chegarmos em Taquaril dos Fialhos, notei as casas de moradia separadas umas das outras por uma certa distância. Em volta delas, haviam variedades de plantações. Nos quintais e nas áreas que se expandem deles, observei criações de animais de pequeno e de grande porte. Como espaços de uso coletivo, há uma capela, cujo padroeiro é São Pedro; há também uma escola desativada, que se tornou o espaço da associação, onde as pessoas se reúnem para eventos diversos. O local é apelidado de “prédio”; há uma fábrica para produção de cachaça, hoje desativada; há uma cachoeira, a Sete Quedas, e várias nascentes perenes, hoje secas. Uma dessas nascentes está localizada no quintal da casa de um morador e recebe o nome de Olho D’água; e há também a barragem das Nascentes da Serra do Salto.

A minha primeira parada foi na casa dos pais da minha interlocutora. A recepção foi calorosa e saborosa. Eles me serviram bolo e café e falaram sobre já saberem qual o objetivo da minha ida à comunidade. Nesse momento as conversas foram curtas. A família se organizava para irmos até a Associação, onde reuniriam mais pessoas.

O pai de Leila é neto de Pedro Fialho de Carvalho e Luzia Sofia de Carvalho, o primeiro casal que ocupou o território. Essa informação pouco tempo depois seria complementada por uma árvore genealógica feita em 2021 pela comunidade. Sempre que oportuno, eu perguntava às pessoas sobre seus ascendentes e sobre as gerações de famílias em Taquaril. Assim, o histórico de parentesco, registrado numa árvore genealógica feita pela comunidade, tornou-se para mim uma fonte de informação importante.

No livro *A Antropologia de Rivers* (1991), organizado por Roberto Cardoso de Oliveira, um artigo do próprio Rivers é apresentado. Nele, explica-se que o método genealógico é uma coleta de genealogias reais de determinado grupo, feita com base em respostas dadas pelo próprio grupo a perguntas feitas pelo pesquisador sobre o assunto. Com as respostas, formula-se uma descrição minuciosa da organização social do grupo. Isso é possível, segundo Rivers, porque as sociedades, através da oralidade, costumam conservar por muitas gerações as suas genealogias.

O método genealógico seria, portanto, a solução ideal para etnógrafos que dispõem de pouco tempo de permanência em campo, sem o domínio do idioma local ou auxílio

de bons intérpretes. Seu uso mostra-se também eficaz por permitir o acesso, em um curto período, a informações objetivas e precisas acerca da filiação, aliança, residência, status, entre outras [...].

Apesar de ser considerado o mais notório defensor do método genealógico, Rivers não foi o primeiro a fazer uso de genealogias em estudos antropológicos; o questionário de parentesco de Lewis Henry Morgan (1818-1881), publicado em *Sistemas de Consanguinidade e Afinidade da Família Humana* (1871), já apresentava um minucioso roteiro para a coleta de dados de parentesco. Se isso é verdade, a contribuição de Rivers foi criar uma ferramenta ágil, capaz de produzir, com precisão e rapidez, informações chave para os estudos de parentesco, a partir de uma genealogia considerada real, já que o informante seria capaz de fornecer com exatidão as classificações de seus parentes. No entanto, é preciso lembrar que tanto a obtenção das informações quanto a construção da genealogia, com base nos dados recolhidos, seguem os critérios classificatórios do pesquisador e não propriamente os dos informantes. Sua objetividade deriva, portanto, da tradução que o antropólogo realiza dos conceitos nativos.

O método genealógico pode ser apontado como um dos maiores subsídios metodológicos para os estudos de parentesco, considerado durante décadas como instrumento indispensável e mínimo do antropólogo em campo na coleta de informações [...] (Mandelli; Soares; Favero, 2017, p. 1-3).

Com base em respostas e fotografias de documentos que obtive, e que de alguma forma revelaram elementos da genealogia em Taquaril, registrei a existência de cinco gerações. A primeira, que hoje já não existe mais, foi composta a partir de meados de 1903 por Pedro Fialho de Carvalho e Luzia Sofia de Carvalho, quando do início do processo de territorialização¹⁰. No Borroço, localidade vizinha, eles criaram nove filhos, sendo cinco homens e quatro mulheres. Esses filhos também tiveram e criaram os seus filhos no território, que em 1917 se expandiu e originou Taquaril dos Fialhos - topônimo atribuído em referência a um capim que enrama no campo, cujo nome é taquaril, costumeiramente encontrado na região; e ao Pedro Fialho de Carvalho, fundador da comunidade.

A partir da segunda geração, composta pelos nove filhos de Pedro e Luzia, todos já falecidos, inicia-se o ciclo de desenvolvimento dos grupos domésticos (Chayanov, 1966). Em uma de suas análises, Fortes (1974) afirma que os sistemas sociais possuem vida e se sustentam, somente quando seus elementos e componentes são mantidos e substituídos. Segundo ele, “[...] o processo de substituição é o ponto crucial, pois o tempo de vida do organismo humano é limitado” (p. 1). Apesar desses processos estarem condicionados a fatores biológicos,

[...] do ponto de vista antropológico, o importante é que o crescimento e desenvolvimento físicos do indivíduo estão incorporados no sistema social, através da

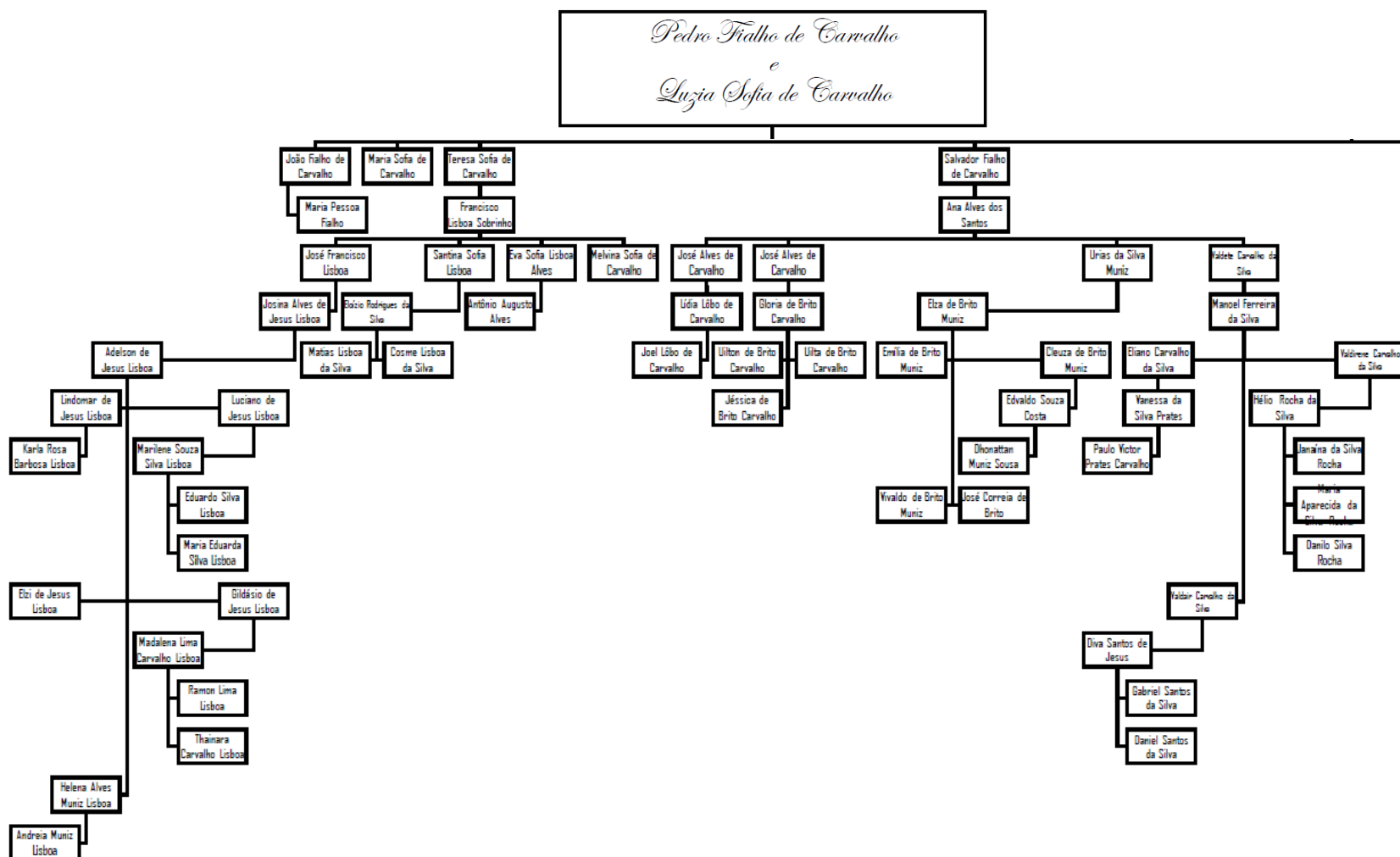
¹⁰ “Processo de territorialização” é uma expressão adotada por Almeida (2008) com o objetivo de “[...] propiciar instrumentos para compreender como os territórios de pertencimento foram sendo construídos politicamente através das mobilizações por livre acesso aos recursos básicos em diferentes regiões e em diferentes tempos históricos” (Almeida, 2008, p. 118).

educação na cultura de sua sociedade e a sucessão de gerações, através de sua incorporação na estrutura social” (Fortes, 1974, p. 2).

As alianças matrimoniais estabelecidas desde a segunda geração dos Fialhos se dão, em geral, com pessoas de comunidades do entorno ou do município de Licínio de Almeida. Mas mesmo sendo adeptos à exogamia, o grupo mantém a descendência de Pedro e Luzia. As casas e os terrenos herdados – registrados em inventários –, vendidos ou doados de pais para filhos, seguindo a concepção de herança em vida (Moura, 1978) ou de cessão de direitos (Godói, 1999), conformam um conjunto de normas de acesso à terra que possibilitam as famílias se assentarem e permanecerem em Taquaril. Os espaços de uso coletivo, como os recursos naturais, a igreja e a associação, mobilizam normas consensuadas pelas famílias. Assim, as regras concernentes a área coletiva e as áreas familiares, desenham um “sistema de direitos combinados” (Godói, 1999, p. 58). Esse mosaico de elementos característicos de Taquaril dos Fialhos constitui um patrimônio territorial e uma grande família extensa apresentada parcialmente na árvore genealógica a seguir.

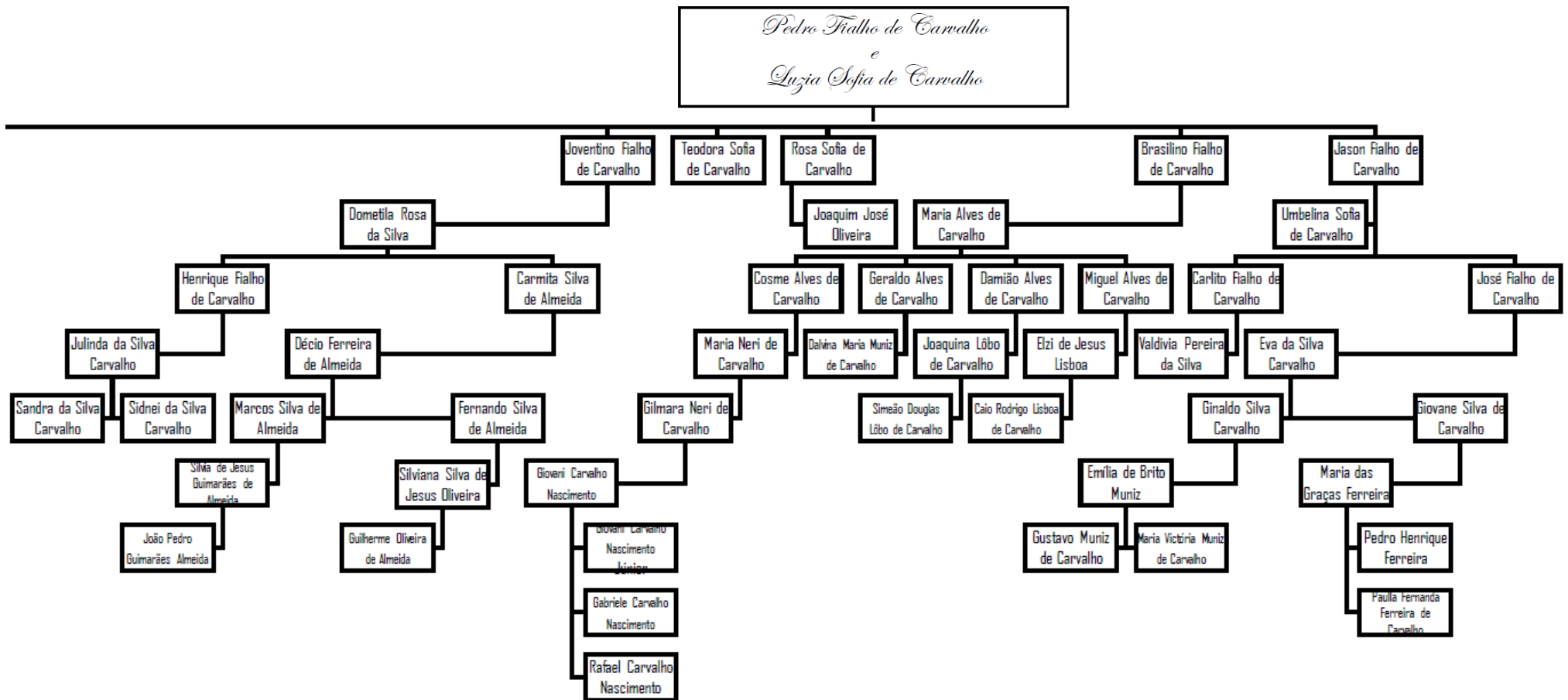
O ponto de partida é uma família elementar; com o casamento dos filhos, cada um com seu chão de morada, o espaço do sítio começa a corresponder a uma família extensa, e cada casa a uma família elementar. (Woortmann, 1995, p. 249)

A descendência de Pedro Fialho de Carvalho e Luzia Sofia de Carvalho na formação da Comunidade Taquaril dos Fialhos – Licínio de Almeida – Bahia (1917-2021)¹¹



¹¹ Os nomes não estariam legíveis caso fosse inserida a genealogia completa em uma só página, por isso a árvore genealógica foi dividida em duas páginas. A descendência na primeira linha das duas imagens representa os filhos de Pedro e Luzia. A imagem completa foi inserida nos Anexos para facilitar a compreensão da disposição geracional.

A descendência de Pedro Fialho de Carvalho e Luzia Sofia de Carvalho na formação da Comunidade Taquaril dos Fialhos – Licínio de Almeida – Bahia (1917-2021)



Observação: Nesta lista de descendência foi inserido apenas os nomes dos netos, bisnetos e tataranetos de Pedro e Luzia que atualmente residem na comunidade de Taquaril dos Fialhos.

Fonte: Taquaril dos Fialhos, 2021.

A árvore genealógica apresentada é composta por todos os filhos de Pedro e Luzia, mas como sinalizado em observação, os netos, bisnetos e tataranetos inseridos são apenas aqueles que residem em Taquaril dos Fialhos. Os que não residem são minoria e configuram o que alguns autores denominam como migração camponesa (Godoi, 1999; Moura, 1978; Woortmann, 1995). Os motivos, conforme relatam, geralmente estão relacionados a trabalho e estudo. Apesar disso, a maioria dessas pessoas em algum momento retornam para morar em Taquaril ou visitam a comunidade frequentemente e participam das práticas comuns. São reconhecidamente filhos de Taquaril e, onde estão, reproduzem, na medida do possível, os conhecimentos e hábitos adquiridos no território. Esse aspecto dialoga com o que Oliveira (2006) afirma: “a ideia de comunidade não se esgota no território étnico, mas estende a membros dessas mesmas comunidades que emigram para as cidades” (p. 61).

Em 1977 foi construída no território uma escola. Nela, as crianças podiam cursar o ensino primário. Já o ensino médio era cursado na comunidade Jurema, situada a sete quilômetros de Taquaril dos Fialhos. Anos depois a escola foi fechada por circunstância do processo de nucleação escolar¹² instituído no Brasil, e as crianças e adolescentes passaram a ir diariamente até Jurema para cursarem tanto o ensino primário, quanto o ensino médio. O trajeto até Jurema, percorrido a cavalo durante muito tempo, hoje é feito pelos ônibus escolares do município de Licínio de Almeida. O espaço onde funcionava a escola, hoje é a sede da Associação de Taquaril. Para a realização dos estudos de nível superior, os jovens e adultos, quando optam por fazê-lo, precisam se deslocar para municípios mais distantes, como é o caso de Caetité e Guanambi.

Taquaril dos Fialhos é constituída predominantemente por uma parentela de consanguíneos e afins. Apenas uma família não tem a sua origem na comunidade. Hoje, são 85 pessoas distribuídas em 32 famílias nucleares que compõem uma grande família extensa.

Na tentativa de compreender a família camponesa – ou famílias em outros lugares – devemos recordar-nos de que estas existem nos mais diversos tipos. Dividem-se basicamente em *nuclear* ou conjugal, que consiste em homem e mulher casados e sua prole, e *famílias extensas*, que agrupam em uma única estrutura certo número de famílias nucleares (Wolf, 1976, p. 88).

¹² O processo chamado de “nucleação escolar” consistiu em reunir os alunos das escolas desativadas, fechadas, geralmente em áreas rurais, deslocando-os para centros maiores. Concentra-se o maior número de alunos em uma única escola, seja ela da cidade ou do campo (Pavani; Andreis, 2017).

No decorrer dessa pesquisa, relacionei os grupos domésticos¹³ que compõem a comunidade. Esses grupos não são estáticos, portanto, o que apresento aqui é um panorama sincrônico, respectivo ao tempo desse estudo.

A dinâmica que a vida familiar toma no espaço de co-residência de seus membros é o que se convencionou chamar, nos estudos das ciências sociais, de grupo doméstico (household/menage), conceito que expressa um princípio organizacional distinto daquele próprio à noção de família, cujo foco está nas relações de parentesco e não na co-residência (Afonso, 2000). Embora as duas noções se confundam pelo fato de a família estar quase sempre presente na formação do grupo doméstico, este tem como princípio a residência conjunta de indivíduos (familiares ou não) que partilham atividades desenvolvidas em um espaço comum e que compartilham de um orçamento e despesas alimentares (Camarote, 2010, p. 93).

Quadro 1 – Grupos domésticos em Taquaril dos Fialhos, 2023

Caracterização do grupo doméstico	Nº de grupos domésticos
Pai, mãe e filho ou filhos	15
Cônjuges	7
Mãe e filho ou filhos	4
Pai isolado (viúvos)	2
Pai, mãe, filho, nora e neto	1
Cônjuges e neto	1

¹³ [...] é possível depreender que os grupos domésticos não são unidades econômicas isoladas e sim unidades integradas a outros grupos domésticos pertencentes à mesma família extensa da qual fazem parte. As famílias extensas são conjuntos de grupos domésticos ou famílias nucleares agrupadas em torno de um ascendente e de uma base territorial comum, entre as quais a reciprocidade opera constantemente. Assim, a unidade econômica significada pelo grupo doméstico e pelas residências não pode ser pensada separadamente das relações de parentesco mais amplas que englobam todos aqueles que vivem neste território de parentesco (Camarote, 2010, p. 93);

Segundo Mura e Silva (2012), o significado de grupos domésticos se relaciona diretamente com os aspectos imateriais, como a produção e transação de saberes que se dão nos grupos.

Cônjuges e irmã	1
Idosa (solteira)	1
Total de grupos domésticos	32

Fonte: informações obtidas pela autora, 2023.

Os moradores falam de maneira recorrente sobre o ancestral comum, Pedro Fialho de Carvalho, e sobre como a sua descendência é mantida em todas as famílias residentes no território. A narrativa converge com a genealogia identificada na comunidade. Esse aspecto, em certa medida, fundamenta os vínculos sociais de reciprocidade e solidariedade que forjam a coesão social percebida em Taquaril dos Fialhos. As alianças matrimoniais ali estabelecidas resultam numa “comunidade fechada” em que o acesso à terra ocorre por meio do parentesco há mais de 100 anos (Woortmann, 1990). Assim, os vizinhos são também parentes e, coletivamente, aproximam-se do que Mendras (1978) intitulou por sociedade de interconhecimento. Esses elementos apontam para relações de parentesco ancoradas numa ascendência comum e atreladas à permanência nas terras, que, por sua vez, conformam um território de parentesco.

2.2 Sistema produtivo de base familiar

As narrativas acerca do processo de territorialização em Taquaril dos Fialhos envolvem também o manejo dos recursos naturais e as atividades produtivas desenvolvidas por seus moradores. Da terra eles extraem o sustento mediante o trabalho feito com base em técnicas apreendidas ao longo das gerações lá constituídas. Assim, ao passo que a terra é morada, ela também representa trabalho. Indissociavelmente, no âmbito prático e simbólico em Taquaril, consolidam-se os sentidos de terra, trabalho e família (Woortmann, 1990).

A realidade observada em Taquaril dos Fialhos coaduna com o que Wolf (1955) compreende como caracterização camponesa. Segundo ele, nessa condição, o produtor agrícola deve possuir o controle efetivo sobre a porção de terra a que se vincula por um sentimento de pertença, a despeito do tipo de posse que detém sobre ela. As famílias em Taquaril persistem como camponeses, sobretudo em virtude de possuírem as terras herdadas dos seus ancestrais

pelo sistema de herança local. Nelas, o trabalho é exercido pela mão de obra dos membros das famílias que habitam o território. Cada um, em suas porções de terra, trabalham para seus grupos domésticos. Mas frequentemente os frutos do trabalho são partilhados entre grupos domésticos diferentes, conformando um sistema de subsistência e de solidariedade.

As atividades produtivas desempenhadas pelos grupos domésticos em suas respectivas áreas traduzem um dos conceitos presentes na teoria de Chayanov (1966) feita a partir da sua pesquisa no campesinato na Rússia. Camarote (2010) interpreta essa teoria da seguinte maneira:

grupo doméstico é, ao mesmo tempo, uma unidade de produção – pois dispõe de trabalhadores – e uma unidade de consumo. Seu objetivo principal não é a obtenção de lucro mas sim o equilíbrio entre as necessidades de consumo e a quantidade de trabalho a ser despendida por seus membros, para supri-las (Camarote, 2010, p. 94).

O trabalho e a produção desenvolvida pelos grupos domésticos proporcionam momentos de sociabilidade entre idosos, adultos, jovens e crianças. Ao interagirem, essas pessoas ensinam e aprendem entre si. Desde cedo, junto aos pais e outras referências familiares mais velhas, as crianças e os jovens observam e ou desempenham tarefas. Assim, gradativamente são absorvidas e registradas informações e conhecimentos que figuram um complexo quadro de habilidades e expertises com relação ao trabalho praticado no território. Woortmann & Woortmann (1997) afirmam que o trabalho só se constitui como uma atividade material a partir de uma atividade ideal: o saber.

Ouvi relatos de quando as crianças e os jovens acompanhavam suas mães na ida para a cachoeira Sete Quedas, localizada no território de Taquaril dos Fialhos. Essa cachoeira compõe o percurso do rio do Salto e representa um dos elementos mais importantes para a consolidação da comunidade na região. Antes da abertura dos poços de água nas áreas externas das casas de moradia, fazia parte do cotidiano das pessoas de Taquaril irem até a cachoeira, banhada por água doce, limpa e de boa qualidade, para lavarem roupas, vasilhas e buscarem água para suprirem outras necessidades básicas. Por muito tempo, a cachoeira foi um local em que as pessoas se reuniam para trabalhar, banhar-se e brincar.

Os jovens, ao alcançarem uma idade mais madura e após aprenderem sobre o manejo com a terra e com os animais, passam a trabalhar para si na terra dos seus pais. Aparentemente, seguindo as normas de herança, os pais concedem aos filhos, em vida, o direito de produzir em suas terras. Dessa forma, oportunizam aos jovens a independência econômica e a manutenção de um novo grupo doméstico a ser constituído por eles ao se casarem.

Quando perguntados se há distinção nos trabalhos que são exercidos por mulheres e homens, um dos moradores afirmou que, hoje, em geral, os homens trabalham na terra e com os animais. Assim, é possível prover o alimento e o dinheiro para custear as necessidades da família. As mulheres dividem essa função com eles e também empreendem outras tarefas. Há, por exemplo, mulheres que são professoras e agente de saúde. Há aquelas que se dedicam, principalmente, ao cuidado da casa. Cuidar da casa, além da ideia que já ocupa o imaginário comum – armazenar alimentos, preparar refeições, lavar e passar roupas, etc – inclui cultivar as hortas e cuidar dos animais de pequeno porte, como as galinhas. Dessa forma, é possível afirmar que a produção de bens e a produção de serviços se correlacionam de maneira interdependente. Ou seja, a exequibilidade de uma está condicionada à exequibilidade da outra (Woortmann, 1999).

A agricultura e a criação animal compõem o sistema de produção em Taquaril dos Fialhos. Lá, as pessoas criam, principalmente, vaca de leite e gado de corte. São encontradas também criações de suínos e de galinhas nos espaços ocupados pelos grupos domésticos. O cavalo, animal que carrega consigo, simbolicamente, muito da história de Taquaril, também pode ser visto nos quintais contíguos a cada casa. Na agricultura, o cultivo da manga e do maracujá ocorre em grande quantidade. Nas hortas que ficam nos quintais e na extensão de terras sob domínio dos grupos domésticos, são colhidos grãos, tubérculos, ervas, hortaliças e frutos diversos, utilizados cotidianamente para a alimentação e na medicina tradicional. Para o plantio e colheita, são reservadas áreas irrigadas que passam por períodos de descanso e de troca de safra. O cozimento da colheita é feito nas cozinhas das casas, em fogões a lenha ou a gás.

A água utilizada para a irrigação das áreas é retirada dos poços artesianos de cada casa. Esses poços foram viabilizados a partir de 1967, por meio de um projeto da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene)¹⁴. Mas foi através da força de trabalho desempenhada pelas mãos dos moradores de Taquaril dos Fialhos que os poços se tornaram realidade. Os moradores trabalharam para a Sudene durante um determinado período, tanto na abertura dos poços, quanto na construção de açudes. Ambos amenizaram problemas

¹⁴ A Sudene é uma autarquia especial, administrativa e financeiramente autônoma, que compõe o Sistema de Planejamento e de Orçamento Federal, instituída pela Lei Complementar n.º 125, de 3 de janeiro de 2007 e vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Regional. A sede da Sudene está alocada na cidade do Recife, estado de Pernambuco. Apresenta-se com o objetivo de promover o desenvolvimento incluyente e sustentável de sua área de atuação e a integração competitiva da base produtiva regional na economia nacional e internacional.

enfrentados em decorrência dos longos períodos se seca, como a morte de muitos animais e a perda de plantações.

A criação da vaca de leite, além de suprir a necessidade de consumo do leite pelos moradores da comunidade, gera, também, parte da renda local. O leite é vendido para comunidades vizinhas e serve como ingrediente utilizado na produção do requeijão, consumido e também vendido para outras localidades. Ademais, o leite é ingrediente de diversas outras receitas que compõem a alimentação local, como o pão de queijo e bolos. A criação de bovinos para abate é também fonte de consumo e de renda. A carne integra as refeições locais e também é vendida em açougues próximos. Além disso, por muito tempo, os bois atrelados a carros de madeira, transportavam pessoa e mercadorias de Taquaril dos Fialhos para outros lugares.

A criação do gado, assim como a terra e a água, é um bem de muito valor em Taquaril dos Fialhos. Além da importância econômica e nutricional que representa para a comunidade, os vínculos estabelecidos com os animais também mediam relações sociais e compõem a história da comunidade. Os membros dos grupos domésticos compreendem que os animais integram o patrimônio familiar e tanto os pais quanto os filhos possuem direitos sobre eles. Características semelhantes também foram registradas na clássica etnografia realizada por Evans Pritchard entre os Nuer, um grupo pastoril, oriundo da região do rio Nilo, no Sudão.

Conforme relatos, inicialmente, os longos campos abertos com vegetação nativa, situados nas áreas de transição dos biomas cerrado para caatinga, denominados gerais, abrigavam criações de gado pertencentes aos grupos domésticos da comunidade. Esses animais, criados soltos numa vasta extensão de terras, circulavam e se alimentavam livremente. Em um estudo sobre a identidade e territorialidade geraizeira, Nogueira (2009) afirma que os gerais eram terras de uso comum, não apropriadas em caráter privado. Segundo ela, o

uso dos recursos naturais dos gerais – do pasto nativo, dos frutos, madeira, mel, da caça – derivava, grosso modo, do pertencimento ao lugar e de vínculos de parentesco. Ou seja, as famílias daquela localidade dividiam entre si os direitos de acesso aos recursos disponíveis nos gerais. Não obstante os gerais fossem terras ditas soltas, não se tratava de um acesso ilimitado, mas acordado no âmbito de um grupo específico de famílias, num regime de propriedade comunal, com regras quanto ao acesso aos recursos e seu uso. O acordo comum referia-se à criação do gado na solta e ao extrativismo de frutos nativos, plantas medicinais e lenha (Nogueira, 2009, p. 84).

A caracterização feita por Nogueira (2009) no parágrafo acima ilustra a realidade narrada pelos moradores de Taquaril dos Fialhos sobre alguns aspectos dos usos e ocupação territorial nos primeiros anos de formação da comunidade. Além disso, acerca desse período, é

possível afirmar também outra relação direta com o que se sabe sobre a constituição de territórios geraizeiros: neles, assim como em Taquaril, os princípios do trabalho e da ancestralidade conjugam-se no direito sobre a terra, como é próprio da moral camponesa. Nesse sentido, “a noção de posse para eles, então, era de cunho familiar e, não, mercantil; mediada pelo trabalho e, não, pela moeda” (Nogueira, 2009, p. 152).

No final da década de 80, com a chegada da Vale do Rio Doce¹⁵ para exploração de minério de ferro no território de Taquaril dos Fialhos, intensificou-se um processo de cercamento dos gerais. A princípio essa intensificação havia sido protagonizada por fazendeiros que diziam possuir áreas próximas e que preocupados com a especulação de terras que se mostrava iminente em virtude da descoberta de minérios, visavam assegurar porções de terras. Acerca desse assunto, alguns dos moradores de Taquaril afirmam ter aderido ao completo cercamento¹⁶ das áreas a fim de manter os seus animais seguros e separados de outras propriedades. Hoje o gado permanece criado entre cercas e a colheita de frutos nativos, plantas medicinais e lenha também é feita no perímetro cercado. Mas, apesar da mudança na maneira de ocupar e de usar o território, permanece a concepção de posse de cunho familiar, mediada pelo trabalho.

A criação de suínos, de galinhas e a produção de ovos também tem como objetivo a alimentação local. No dia em que estive na comunidade, pude jantar com a família de Leila. Foi servido um ensopado de galinha caipira, carne bovina, verduras, feijão, arroz e salada. Desses alimentos, apenas o arroz não havia sido produzido na comunidade. Segundo um dos moradores, a safra do arroz demanda muita água, e com os longos períodos de seca no semiárido, é difícil mantê-la irrigada, uma vez que a comunidade depende dos poços artesianos para garantir o funcionamento dos sistemas de irrigação. Por isso, o arroz é comprado em Licínio de Almeida. Já as verduras, o feijão e os ingredientes para a salada são produzidos pelos grupos domésticos, variando conforme a época do ano e a disponibilidade de recursos. No território também é cultivado o milho, a mandioca e a batata doce. Ouvi de um morador que em Taquaril eles “capricham” para produzir um pouco de tudo que é necessário, sem a utilização

¹⁵ Mineradora multinacional brasileira e operadora de logística. Foi fundada em 1942 com o nome Companhia Vale do Rio Doce, no governo do presidente Getúlio Vargas, para exploração de minas de ferro no estado de Minas Gerais. Hoje denominada Vale S.A. é uma das maiores empresas de mineração do mundo, operando em 14 estados brasileiros e nos cinco continentes. É responsável pelo rompimento das barragens em Mariana e Brumadinho, nos anos de 2015 e 2019, respectivamente. Esses rompimentos representaram uns dos maiores desastres ambientais do país, que mataram e desabrigaram inúmeras pessoas.

¹⁶ Desde 1937 alguns moradores já utilizavam valas como forma de cercar determinadas porções de terra. A partir da década de 1980 se inicia a utilização de cercas.

de agrotóxicos, e garantindo uma alimentação saudável. Assim, dos alimentos básicos e essenciais, poucos são comprados.

A produção de frutas em Taquaril dos Fialhos, além de servir para o consumo local, é também vendida em larga escala para centros de abastecimento em diversos estados brasileiros, como é o caso, desde 2017, da produção de manga e de maracujá. O cultivo da cana-de-açúcar realizado tradicionalmente desde a época dos primeiros moradores, passou por um processo de modernização em 1997. Com isso, produzia-se em maior quantidade. De igual modo ocorreu com a produção de cachaça: antes feita em alambiques tocados a boi, passou a ser, também em 1997, produzida numa fábrica de cachaça artesanal construída pelos próprios moradores. Essas modificações foram possíveis graças a chegada da energia elétrica, no mesmo ano. A cachaça era vendida para vários estados e regularmente exposta para comércio nas feiras promovidas pela Cooperativa de Agricultores Familiares e Economia Solidária da Região do Vale do Rio Gavião e Serra Geral da Bahia (Coodecana) de Condeúba, município baiano. Os trabalhos desempenhados para a produção e venda da cachaça reuniam membros de diversos grupos domésticos de Taquaril. Assim, a fábrica se constituía como um espaço de uso comum da comunidade.

Hoje, a cana-de-açúcar é utilizada, principalmente, para a fabricação da rapadura e do tijolo. Em Taquaril, a rapadura é feita a partir da fervura do caldo da cana e é comumente servida para adoçar bebidas e alimentos; o tijolo é o doce da rapadura, com uma textura mais macia e para sua produção pode ser acrescentada massa de mandioca e de coco. A fabricação da rapadura e do tijolo é característica da comunidade desde os seus primeiros anos. Com os mais velhos, os mais novos foram aprendendo a trabalhar nos pequenos engenhos de cana-de-açúcar situados nas casas de alguns moradores e a produzir a rapadura e o tijolo. Além de compor a alimentação local, ambos também são vendidos em feiras próximas à comunidade.

Durante muitos anos os alimentos vendidos em feiras próximas eram transportados a cavalo ou em carro de boi. O cavalo, como mencionado anteriormente, era muito representativo para Taquaril dos Fialhos. Conforme relataram alguns moradores, ao chegarem com seus cavalos em localidades vizinhas ou no município de Licínio de Almeida, eram facilmente reconhecidos como habitantes do território de Taquaril. Segundo eles, a constatação se dava porque havia uma boa fama de que Taquaril possuía cavalos muito vistosos, que se diferenciavam dos animais de outras localidades. De fato, os cavalos que avistei nos quintais contíguos às casas ou em áreas próximas, cercadas por arames, eram muito bonitos. Hoje, eles

não são mais utilizados para transportar pessoas ou alimentos, mas ocupam um lugar de afeto e saudosismo. Na casa onde fui acolhida antes e depois do momento de diálogo na Associação, observei a empolgação do filho de Leila, um bebê, quando seus parentes falavam sobre levá-lo para ver o cavalo. A empolgação, vista no bebê, também era percebida nos mais velhos. Havia um sentimento que os mobilizava quando enalteciam o animal.

Como apresentado, em Taquaril dos Fialhos, a criação animal ocupa um lugar de destaque. Seja a criação de gado, de galinhas, de porcos, ou até mesmo a presença de cavalos nas áreas pertencentes às famílias. Além dos valores econômicos e alimentares, a relação com o animal também é transpassada pela intimidade. Os modelos de vínculos que são estabelecidos atravessam gerações, como foi possível observar desde o membro mais novo até o mais velho no grupo doméstico dos pais de Leila. Em síntese, é possível afirmar:

Para os sertanejos [de Taquaril], a criação animal tem, ademais, uma importância especial em suas vidas, uma vez que tem várias funções e usos, constituindo uma forma de riqueza que pode ser acumulada. Além de sua importância econômica, é também uma valiosa fonte nutritiva pelo seu papel central na dieta local. Somado a isso, desempenha um papel social que permeia e media as relações de parentesco, de trabalho e o universo simbólico do sertanejo (Camarote, 2010, p. 123).

A agricultura de base familiar desenvolvida em Taquaril dos Fialhos está em consonância com o que Chayanov (1974) conceituou como agricultura familiar tradicional. Caracterizada pela peculiaridade na maneira como se estrutura internamente, Wanderley (1998) enfatiza que “o produtor familiar é fundamentalmente um proprietário que trabalha. Na verdade, quem trabalha é o agricultor e sua família, e é familiar a propriedade do estabelecimento” (Wanderley, 1998, p. 31). Ela ainda pontua que o lucro adquirido através do trabalho físico e mental do agricultor se constitui como renda para a produção social da estrutura familiar a que está inserido. Além disso, os modos de reprodução social estarão ligados direta e proporcionalmente à “força de trabalho disponível e a magnitude de suas necessidades de consumo” (Wanderley, 1998, p. 33).

Lamarche (1998) subdivide a agricultura familiar em quatro modelos distintos. Num deles, denominado de agricultura camponesa ou de subsistência, o autor identifica a predominância das lógicas familiares, a dependência mínima do mercado e a utilização predominante de técnicas tradicionais que tem como objetivo suprir as necessidades familiares de consumo, em vez de promover lucro e acumulação de bens ou serviços. Ainda segundo ele, seguir essa lógica de produção tradicional pode configurar uma estratégia para garantir a

identidade da comunidade. Em Taquaril, há um discurso aparentemente consensuado acerca da satisfação em produzir por meio de conhecimentos e técnicas adquiridos por herança apenas o que é necessário para sobreviver. Ouvi de um dos moradores que o que se produz em Taquaril não dá para enricar, mas dá para viver bem. Ele acrescentou que, na realidade, não precisam de riqueza, precisam de paz, e que melhor é colher pouco e ter na paz na vida, a ter grandes coisas e não ter sossego: “*se ficar como está, não precisa melhorar*”.

Os moradores de Taquaril dos Fialhos, em suas terras, produzem tradicionalmente quase tudo que necessitam para sobreviver. No manejo com a terra e com os animais, utilizam os conhecimentos herdados das gerações passadas que também viveram no território e preservaram os recursos naturais. Entre si, compartilham os frutos das produções, a fim de satisfazer as necessidades de todos. Assim, sob as condições de uma economia de subsistência que, ocasionalmente, relaciona-se com o mercado, esse sistema de produção converge para a concepção de comunidade tradicional camponesa que desenvolve agricultura familiar¹⁷. Além do que já foi exposto, fundamento essa afirmação no que Nogueira (2009) afirmou:

Um dos critérios, apontado por Diegues e Arruda (2001) diz respeito ao desenvolvimento de formas particulares de manejo dos recursos naturais por parte dessas comunidades; formas que não visam diretamente o lucro, mas à reprodução cultural e social do grupo. Ou seja, uma parte da produção é destinada à própria subsistência da comunidade (cuja unidade de produção e consumo, normalmente, é doméstica ou familiar), enquanto outra é destinada a práticas sociais, celebrações como ritos e festividades associadas à religiosidade, à civilidade, e aos ciclos do calendário. Sendo assim, o que é destinado à venda no mercado (quando ocorre) é apenas o excedente da produção. Por essa razão, e segundo Diegues e Arruda (2001), essas comunidades estão associadas à pequena produção mercantil, dependendo apenas parcialmente do mercado.

As práticas produtivas das populações tradicionais se baseiam em conhecimentos patrimoniais sobre o meio ambiente (seus ciclos e propriedades) herdados de povos nativos e da necessidade de um manejo que visava a autossuficiência, resultando numa relação de grande dependência dessas comunidades em relação à natureza. Segundo vários autores, as práticas de manejo desenvolvidas pelas comunidades tradicionais são ecologicamente adaptadas aos ecossistemas brasileiros, ou como é dito mais

¹⁷ Uma das definições mais utilizadas para o conceito de agricultura familiar se deu com um estudo de cooperação técnica entre o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO/ONU). Segundo esse estudo, agricultura familiar é definida com base em três características centrais: a) a gestão da unidade produtiva e os investimentos nela realizados são feitos por indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou casamento; b) a maior parte do trabalho é igualmente fornecida pelos membros da família; c) a propriedade dos meios de produção (embora nem sempre da terra) pertence à família e é em seu interior que se realiza sua transmissão em caso de falecimento ou aposentadoria dos responsáveis pela unidade produtiva (Incra/FAO, 1996, p. 4). Segundo Shanin Há razões para definir 'camponês' e há razões para deixar indefinida a palavra. Tal decisão jamais é inconsequente, pois este conceito, se aceito como tal, vincula-se ao próprio âmago do pensamento teórico sobre a sociedade global contemporânea e reflete-se em conclusões de imediato interesse político e analítico. O que importa são as maneiras com tais palavras são utilizadas (Ghizelini e Araguão, 2019, p. 97).

comumente, tratam-se de práticas ambientalmente sustentáveis (MEGGERS, 1977; DESCOLA, 1990; ANDERSON & POSEY, 1990) [...] (p. 194).

2.3 Território de reciprocidade

A troca ou doação de insumos e mantimentos entre os moradores de Taquaril dos Fialhos é uma escolha adotada, sobretudo, para suprir faltas eventuais. Essa prática se dá sob a lógica da reciprocidade e evidencia que independentemente de os grupos domésticos possuírem autonomia econômica, eles não operam de maneira isolada. Numa contínua interação permeada por relações de parentesco, os grupos domésticos produzem e partilham entre si muito do que consomem. A reciprocidade assume, portanto, um lugar substancial na cultura de Taquaril dos Fialhos.

Entre os moradores de Taquaril dos Fialhos há uma preferência pelos suprimentos que são produzidos na comunidade. Isso se dá em virtude de dois principais motivos. O primeiro deles está relacionado com o fato de seus moradores, ao longo de mais de um século, produzirem para si em terras férteis rodeadas por uma vasta riqueza hídrica. Apesar dos momentos de seca já vividos, sobretudo no ano de 1957, quando perderam animais e plantações, os moradores somam esforços e se mantêm na terra, sustentados por uma persistente rede de solidariedade composta por eles próprios e por suas expressões de resiliência. Esses aspectos me trazem à memória as palavras do romancista brasileiro Graciliano Ramos, em seu livro *Vidas Secas* (2013), ao traduzir o olhar do personagem Fabiano, um vaqueiro sertanejo, sobre os dias na caatinga:

Olhou a caatinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo - anos bons misturados com anos ruins (p. 10).

O outro motivo concerne à predileção pelos modos de produção em Taquaril dos Fialhos. Observei que há, entre eles, uma confiança na qualidade dos seus suprimentos. Os alimentos frescos e produzidos em Taquaril não são substituídos pelos que são vendidos nos mercados do município. A estes, a comunidade recorre apenas para comprar o que não produzem: alguns alimentos industrializados como o sal, café e arroz. Nas lojas no município de Licínio de Almeida ou de municípios vizinhos, as pessoas compram também roupas, sapatos, materiais escolares e outros poucos itens relativos a necessidades básicas.

Na obra clássica *O cru e o cozido* (2004), Lévi-Strauss observa que a comida está para além de uma resposta às necessidades biológicas do ser humano. Ela é carregada de simbolismos que desempenham um papel fundamental na estruturação e expressões da sociedade. A comida é circunscrita por um código complexo que possibilita a compreensão sobre os mecanismos da sociedade a que está inserida. Os seus sentidos são perpassados por valores éticos e morais elaborados pelos indivíduos que compõem a comunidade. Em Taquaril dos Fialhos, é de bom tom compartilhar o que se pode comer. Por exemplo, se alguém tem rapadura e outro alguém tem café, no sistema de trocas que se estabelece no território, ambos passam a ter rapadura e café. Portanto, ambos poderão beber café adoçado com a rapadura ralada.

Woortmann (1990) observa, com base em diversos estudos antropológicos, que a comida é um elemento central em comunidades que a produzem. Ele identifica que ao funcionar como elemento de troca, a comida assume um lugar simbólico que ultrapassa o caráter de mercadoria.

O elemento central é a comida. Ela tem um valor social grande demais para ser mercadoria. É por seu valor de uso que ela tem valor de troca no contexto da reciprocidade, onde o dinheiro nenhum valor tem porque pertence ao domínio do mercado. O conceito de valor de troca depende, pois, do contexto ao qual se refere. No campo da reciprocidade que estou aqui examinando, quanto maior o valor de uso, tanto maior o valor de troca que possui a coisa trocada. O valor de uso da comida não se limita às suas qualidades alimentícias; ele envolve também suas qualidades como linguagem, uma linguagem que fala do *pai*, da *família*, do *trabalho*, da *honra* e da *hierarquia*. (Woortmann, 1990, p. 58-59).

Apesar de assumir uma posição muito importante, o que se come não é o único elemento permeado pela natureza da dádiva. Ela contempla outros objetos concretos úteis e abrange também atos de serviço. O caráter de troca, por diversas vezes, é descaracterizado pela constância com que as dádivas circulam na comunidade. Não foi possível perceber onde se iniciam e onde se encerram as trocas.

Há casos em que determinadas famílias, ao passarem por períodos de dificuldades financeiras, recebem cestas básicas de outros grupos domésticos, conforme necessidades específicas. Em situações de adoecimento, quando necessário, os moradores se reúnem para custear as despesas com exames e com o tratamento do adoecido. Frequentemente, também, as

peças se visitam e são agraciadas com pequenas dádivas: um requeijão, um café, uma rapadura. Ocasionalmente, no trabalho com a terra e com o animal, membros dos grupos domésticos se auxiliam. A reciprocidade, em Taquaril, supõe uma preocupação e cuidado com o outro.

As dádivas também contemplam a troca de conhecimentos. Em um caso específico, os proprietários de um porco perceberam que ele havia ingerido uma espécie de mandioca extremamente ácida, chamada de mandioca brava. O animal, agonizando, foi socorrido logo após uma moradora mais velha informar aos seus vizinhos, proprietários do porco, que deveriam dar a ele água com sal e água com açúcar. Assim o fizeram e o animal se recuperou.

Em Taquaril dos Fialhos as dádivas também são expressas nos rituais de cuidado e proteção praticados pelas benzedeiças. Na comunidade, as benzedeiças são mulheres que possuem conhecimentos ancestrais sobre rezas e rituais de cura e proteção. Elas são detentoras de autoridade médica e espiritual. As pessoas recorrem a elas quando necessitam de alguma cura para o corpo ou para a mente e de alguma proteção contra o que consideram males e perigos. Os rituais feitos pelas benzedeiças não são cobrados. Atenta aos relatos dessas mulheres, observei que elas estão sempre dispostas a servir aos outros com os seus conhecimentos. A retribuição ofertada pelos moradores é espontânea, assim como em outros casos de reciprocidade que mencionei. Acerca das benzedeiças em Taquaril dos Fialhos, descreverei com mais detalhes no próximo tópico.

Durante a minha passagem pela comunidade, também fui agraciada com o dom da dádiva. As pessoas que me acompanharam durante o trabalho de campo sabiam previamente sobre o objetivo da minha ida. Sabiam sobre o empenho de Leila em obter auxílios no processo de defesa do território, dos seus recursos naturais e da permanência dos moradores em suas terras. Em consonância, sabiam que eu e Leila, naquele momento, dedicávamo-nos ao objetivo comum de defender o território. Ao chegarmos, fomos recebidos com um café da tarde. Em seguida, correspondi a um pedido de Leila, que também era uma reivindicação dos demais moradores de Taquaril: socializar com a comunidade o relatório antropológico do MPF, elaborado como parte do processo que se instaurou em resposta à representação encaminhada ao órgão pela Associação dos Pequenos Agricultores de Taquaril dos Fialhos (Aspat); e anunciar os possíveis desdobramentos futuros do processo. Assim o fiz. A socialização do relatório foi permeada por algumas trocas. Conhecendo um pouco dos caminhos legais percorrido pelo MPF e ciente das escolhas conceituais constantes no relatório, eu pude explicar

o seu conteúdo, correspondendo ao pedido de Leila e à expectativa da comunidade com relação a esse assunto. A comunidade, em contrapartida, fazia inferências narrando os seus modos de vida e características históricas da comunidade – elementos importantes para a escrita dessa monografia. Na nossa despedida, presentearam-nos com um farto jantar. Leila ainda recebeu alguns cachos de banana produzidos no quintal de um dos moradores. Há, nesse caso, uma expressão de hospitalidade muito característica de comunidades tradicionais camponesas. Mas é possível identificar também trocas de dádivas perpassadas por acordos prévios e por espontaneidades. À luz do princípio da reciprocidade, é possível afirmar, com base na sequência de acontecimentos narrados nesse parágrafo, que foram alimentadas relações sociais.

A comida, ao mesmo tempo em que está alicerçada em razões práticas – é necessária para atender ao estômago –, também constrói seu universo simbólico – é necessária para atender à mente. Nesse sentido, Mauss (1974) aponta para a importância da comida como base de sua teoria da troca e como ritual expressivo que produz significados. Na dimensão aparentemente voluntária do quem convida quer ser convidado, oculta-se a obrigatoriedade social da retribuição: quem convida, tem de ser convidado [...]

Nessa mesma linha teórica, Lévi-Strauss, desde o início de sua carreira acadêmica, realizou análises sobre alimentação e comida, desde diferentes perspectivas e contextos. Em seu *Estruturas elementares do parentesco*, publicado originalmente em 1949 (1982), ao discutir a passagem da natureza e cultura, desenvolve o princípio da reciprocidade. Ao convidar alguém para jantar, ao preparar a mesa com esmero, ao definir um cardápio especial a ser oferecido, a rigor não se está pensando apenas em alimentar a pessoa fisicamente, para isso poder-se-ia servir comida do cotidiano, ou até mesmo requeitada. Pelo esmero na apresentação da mesa e o cardápio especial, o convidado é homenageado e alimentam-se as relações sociais; enfim, todo o circuito de reciprocidade é alimentado (Woortmann, 2007, p. 178)

Os exemplos que apresentei aproximam Taquaril dos Fialhos do que Mauss (2003) compreende como prestações e contraprestações que se estabelecem através de regalos e presentes, sobretudo, de modo voluntário, muito embora sejam intimamente obrigatórias. A convergência do que ocorre em Taquaril com o que é descrito por Mauss, resulta no que Woortmann (1990) conceituou como território de reciprocidade.

Num trabalho sobre territorialidade, parentesco e produção em uma comunidade de fundo de pasto na Bahia, Camarote (2010) identificou algo que coaduna com o que ocorre em Taquaril dos Fialhos:

A troca constitui uma linguagem que permeia as relações locais. Ela é regulada por um comportamento moral e por valores éticos que a diferenciam das trocas mercantis, cujo caráter é puramente utilitarista. Apesar da dimensão econômica que subjaz à troca, a generosidade, a honra, o respeito e o prestígio são valores culturais caros à sociedade local, que qualificam as relações sociais estabelecidas mediante trocas. Mauss denominou de “moral da dádiva-troca” o tipo de relação contraída a partir do

sistema de trocas não mercantis entre os indivíduos no interior de um grupo ou entre grupos e clãs por meio de seus membros (Mauss, 2003:300).

Mesmo as transações que envolvem compra e venda de alimentos ou produtos manufaturados na comunidade podem ser consideradas como parte desse circuito de dádivas. Assim como nas trocas não monetárias, estabelece-se, naquelas transações, uma relação moral e dadivosa que as isenta do caráter de transações puramente mercantis (p. 116-117).

O território de reciprocidade observado por mim se mostrou como algo muito valioso para Taquaril dos Fialhos. A circulação das dádivas é um aspecto elementar para a coesão social da comunidade. A constância nas práticas de solidariedade é inegociável para os moradores. Em seus discursos, percebi por diversas vezes o sentimento de satisfação e de gratidão por serem uma comunidade que reconhece no outro a sua própria existência e que se organiza coletivamente para suprir necessidades coletivas e individuais.

CAPÍTULO 3 – FÉ E RELIGIOSIDADE EM TAQUARIL DOS FIALHOS

3.1 O catolicismo

Taquaril dos Fialhos, desde a sua origem, é uma comunidade predominantemente católica. A capela local, construída em 1987, teve São Pedro como padroeiro de batismo em homenagem ao fundador da comunidade, o Pedro Fialho de Carvalho. Desde então, as celebrações religiosas ocorrem regularmente na capela. Aos domingos, acontece o culto dominical que reúne toda a comunidade; às terças-feiras, reúnem-se os homens para a celebração do terço; às quartas-feiras as mulheres se reúnem também para a celebração do terço; e às quintas-feiras são realizadas celebrações de adoração ao Santíssimo Sacramento.

No culto dominical, a liturgia é feita com orações, cânticos, leitura de textos bíblicos, confissões de fé e com a celebração dos sacramentos e da ceia, representada pelo cálice de vinho e pelo pedaço de pão, simbolizando o sangue e o corpo de Jesus Cristo, entregues àqueles que são batizados e que fizeram a eucaristia¹⁸. As celebrações de adoração ao Santíssimo Sacramento fazem referência à presença corporificada de Deus na Terra. Ora ajoelhados, ora de pé, os moradores de Taquaril adoram e reverenciam a Deus com orações, músicas e leitura de textos bíblicos, assim como no culto dominical.

Durante a celebração do terço, nas terças e quartas-feiras, os homens e as mulheres entoam cânticos e rezas enquanto seguram sobre as mãos um crucifixo. As rezas são chamadas de mistérios e recordam momentos *alegres, gloriosos, dolorosos e luminosos* atribuídos à vida de Jesus e da sua mãe Maria. O terço é composto por 50 das 150 orações do Rosário. O Rosário é a oração católica tradicional em honra a santa Nossa Senhora, nome dado a Maria, e conforme relatou uma das moradoras de Taquaril, é uma maneira de interceder: através de Maria, as palavras dos que creem chegam até Jesus. Na simbologia católica, cada reza é uma rosa oferecida para a santa, a fim de coroá-la rainha.

Em Taquaril há também o catecismo. Trata-se de uma instrução sobre a fé católica, feita por moradores da comunidade e destinada às crianças e aos jovens. Essa instrução é conduzida durante três períodos. O primeiro deles é denominado de Primeira Eucaristia, e geralmente reúne crianças de 8 a 10 anos; o segundo recebe o nome de Turma da Perseverança, composta

¹⁸ Ato simbólico em que o indivíduo recebe o corpo e o sangue de Jesus Cristo através do cálice de vinho e do pedaço de pão, tornando-se purificado, mediante a vontade de Deus.

por crianças menores de 15 anos; por fim, os jovens acima de 15 anos concluem os estudos sobre a fé católica e participam de um ato simbólico no altar da igreja, denominado de sacramento do Crisma, que consiste na confirmação do batismo desses jovens pelo Espírito Santo – manifestação do Deus –, quando passam a ser testemunhas de Jesus Cristo no mundo, por meio de atos e palavras baseadas no que aprenderam sobre a fé.

São Pedro, o padroeiro da capela, é celebrado na comunidade em uma grande festa durante três dias do mês de junho. O período de celebração é encerrado numa missa em devoção ao santo, no dia 29 do mesmo mês. Quando as datas do festejo e da missa se aproximam, toda a comunidade se envolve em atos colaborativos. Uns preparam os alimentos que serão servidos para as pessoas, outros se ocupam com a limpeza da capela e do entorno, alguns se apressam para conduzir as celebrações, outros arrecadam fundos que subsidiarão a festa e ainda há os que se comprometem em deixar aquele pedaço do sertão baiano ainda mais bonito, ornamentado com bandeirolas, palhas e o que mais a criatividade lhes lançar.

No decorrer dos dias festivos, Taquaril dos Fialhos recebe inúmeros moradores de comunidades vizinhas que se somam nos rituais, nas brincadeiras, nos momentos de refeição e de ensino sobre a fé católica. Essas comunidades também recebem os moradores de Taquaril em seus territórios durante as celebrações que realizam. Mas não é apenas nos períodos festivos que as comunidades partilham experiências. Regularmente, crianças saem de outros territórios e vão à Taquaril dos Fialhos para participarem do catecismo, numa demonstração de preferência pelo lugar e pelos vínculos que lá são estabelecidos. Durante a fala de uma moradora, orgulhosa ela enfatizou que uma menina de 10 anos sai da comunidade onde mora e percorre 4 km a pé até chegar em Taquaril, por gostar e se sentir pertencente ao catecismo desenvolvido lá.

A relação das crianças e dos jovens com a fé católica na comunidade sempre foi vista como algo de muita solidez. Em um de seus relatos durante a minha visita à Taquaril, Leila contou que no período da sua juventude, ela participou de um grupo de jovens da igreja que realizava diversas atividades sociais. Juntos, os jovens faziam pinturas em panos que eram vendidos na comunidade e o valor arrecado era revertido para a manutenção do grupo; realizavam galinhadas – eventos noturnos que envolvia toda a comunidade e que levava o nome do prato principal servido: arroz cozido e galinha cozida aos pedaços; e promoviam espaços socioeducativos com temáticas como solidariedade, uso de drogas lícitas e ilícitas, entre outros. Conforme o entendimento da maioria, o bom caráter e a educação admirável entre os jovens de Taquaril decorre, sobretudo, dessa relação estreita com a fé e com as atividades promovidas

pelos grupos da igreja. Na comunidade, bom caráter e educação estão associados ao trabalho, aos estudos, a não consumir álcool ou cigarros, a ser solidário e respeitoso. Nesse sentido, os jovens em Taquaril são motivo de orgulho para todos e a igreja assume um papel relevante.

Comumente, ouvi relatos que me fizeram compreender a juventude em Taquaril como uma fase muito bem vivida e cheia de satisfações. Aqueles que compunham o grupo de jovens, eram também os que iam para a cachoeira Sete Quedas semanalmente por lazer. Passado o período em que era necessário buscar água na cachoeira para as necessidades básicas, os jovens que antes acompanhavam as suas mães, continuaram fazendo o roteiro por afinidade. O ato de ir à cachoeira soou para mim como um momento de deleite para aquelas pessoas, talvez seja possível chamá-lo também de sagrado.

3.2 O catolicismo popular: o ofício das benzedeadas

As benzedeadas¹⁹ em Taquaril dos Fialhos são mulheres que carregam consigo conhecimentos ancestrais sobre rezas e rituais de cura e proteção. Por serem consideradas detentoras de autoridade médica e espiritual, é comum as pessoas recorrerem a elas quando necessitam de tratamento e cura para o corpo ou para alma, e quando precisam de proteção contra o que consideram males e perigos. Elas também exercem autoridade médica e espiritual sobre animais e lugares, como roças e plantações. Cascudo (2001, p. 587 apud Santos 2007, p. 34) caracteriza as benzedeadas como

Mulher, geralmente idosa, que tem poderes de cura por meio de benzimento. [...] especialista em quebranto, mau-olhado, vento caído, enquanto reza em cruces sobre a cabeça do doente com pequenos ramos verdes, que vão murchando por adquirir o “espírito” da doença que fazia mal.

Machado (1997), ao realizar uma pesquisa sobre a cultura popular na região do Alto Paranaíba, em Minas Gerais, entre as décadas de 50 e 80, identificou que a procura pelo benzimento²⁰ – aquilo que é praticado pelas benzedeadas – é “uma prática coletiva de um grupo social do qual [a pessoa que procura] faz parte” (p. 335 apud Silva, 2010). Nos rituais de benzeção, recorrem-se a elementos da natureza que se somam aos gestos e palavras. São utilizados ramos de plantas e ervas, água, ar, fogo e terra. Os ramos e plantas são utilizados de

¹⁹ Também chamadas de rezadeiras pela literatura, conforme indica Santos (2007).

²⁰ Em Taquaril, as pessoas costumam utilizar a expressão benzeção, que possui o mesmo significado de benzimento.

maneira gestual sobre e em volta do corpo de quem é benzido; a água serve como fortalecimento, vivificação; o fogo queima o ramo utilizado e, assim, queima-se, simbolicamente, o mal retirado do corpo da pessoa benzida. Sobre os demais elementos, Machado (1997, p. 238 apud Silva, 2010, p. 41) contribui:

O ar, associado ao vento, transfere a força vital das palavras. Nesse sentido, os ramos verdes, as folhas agitadas produzem a aragem que imortaliza através da vida espiritual. A terra em oposição ao céu, por suas características femininas, é mãe, nutriz, protege contra o aniquilamento das forças humanas, é símbolo de fertilidade.

Amorim (2000, p. 4 apud Santos, 2007, p. 35) se refere ao benzimento como

um ato de súplica, de imploração, de pedido insistente aos deuses para que eles se dispam dos seus mistérios e se tornem mais concretos. Para que tragam boas novas, produzindo benefícios aos mortais. A bênção é um veículo que possibilita ao seu executor (a rezadeira) estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro e entre ambos (p. 35).

Católicas por tradição, as benzedoras de Taquaril compõem o que é denominado por catolicismo popular. Essa vertente, arraigada de símbolos e comportamentos criados e adaptados a partir de crenças e experiências vividas, é uma representação de ressignificação e resistência. Sobre esse tema, Santos (2007) pontua:

Sabendo que as rezadeiras são agentes do catolicismo popular, Silva (2002, p. 03), teceu um comentário pertinente a respeito das bases deste catolicismo que, “mesmo com a intolerância costumaz do clero, traços católicos, africanos e indígenas misturavam-se, tecendo uma religião sincrética e inseria-se no cotidiano das pessoas”. O catolicismo popular não pode ser confundido com as práticas oficiais da igreja católica. Enquanto a Igreja Católica realiza seus eventos baseados em dogmas instituídos secularmente, no “catolicismo popular praticado pelo povo é muito difícil distinguir o que é religião e o que é medicina” (ARAÚJO, 2004, p. 87). Isso porque os santos de devoção são seres sagrados invocados para trazer a saúde, a fartura, a felicidade, etc. Daí, a existência de santos para qualquer tipo de situação desesperadora e para livrar das doenças e pragas (p. 36).

Oliveira (1985), em seu livro *O que é benzeção*, identificou que à época, as benzedoras e os benzedores eram quase todos católicos e viviam num espaço de relações de produção perpassado pela afetividade familiar e comunitária. Vivendo num determinado espaço geográfico, davam forma a um universo de experiências e símbolos sagrados, circunscrito pela forte relação estabelecida com a natureza e pelo domínio da agricultura. Assim, produziam saberes acerca de plantas, ervas e raízes que eram utilizadas como recursos terapêuticos nos rituais. Ainda segundo a autora, esses conhecimentos em parte poderiam ser compartilhados com toda a comunidade, em parte eram transmitidos para pessoas em condições muito particulares.

O cenário apresentado por Oliveira (1985) corresponde similarmente ao que é percebido em Taquaril dos Fialhos. Situados numa porção do sertão longe de atendimentos médicos e intimamente ligados a um conhecimento tradicional sobre o corpo e a alma, os moradores de Taquaril dos Fialhos construíram uma teia de relações em que as experiências de benzeção estão vinculadas à natureza e se ancoram no princípio de solidariedade. As rezas, os amuletos, os remédios naturais provenientes da natureza e da cultura tradicional compõem um rico conjunto de expressões de cura e proteção, utilizado genuinamente por “aqueles que sabem” para beneficiar “os que precisam”.

Apesar de a maioria da literatura que encontrei sobre benzeção fazer menção às mulheres como donas do ofício em questão, identifiquei através dos relatos das benzedeadas de Taquaril que na comunidade os homens também podem conhecer as rezas e os rituais. Ouvi cinco benzedeadas e uma aprendiz de benzedeadas. Ao menos três dessas fizeram menção sobre homens mais velhos da família possuírem e compartilharem os conhecimentos, mas em nenhum momento as benzedeadas atribuíram o ofício a eles.

A maneira como as benzedeadas adquirem a autoridade médica e espiritual e como desenvolvem as técnicas de benzeção e reza é resultado de uma iniciação que pode se dar por meio de duas maneiras diferentes. Em alguns casos, as mulheres herdaram o ofício de outras benzedeadas mais velhas, geralmente da mesma família, ou aprendem sobre os rituais com pessoas próximas. Podem herdar, por exemplo, de uma avó, mãe ou tia; e podem aprender com um avô, tio e até mesmo alguém com grau de parentesco mais distante ou conhecido da família. Os mais velhos transmitem as rezas e os rituais por meio da escrita ou oralidade e aconselham sobre como as novas benzedeadas devem se comportar diante do ofício. Em outros casos, acontece de receberem o dom através do que compreendem como manifestações sobrenaturais que podem ocorrer em sonhos, visões e no escutar de vozes, por exemplo (Santos, 2007).

Em todos os casos estudados, a formação da benzedeadas depende de uma aprendizagem assistemática, mas que, a rigor, pode ser dividida em dois tipos: aquela que é resultado de um processo imitativo e a que é consequência de uma experiência sobrenatural (Quintana, 1999, p. 53 apud Santos, 2007, p. 35).

As cinco benzedeadas que ouvi contaram sobre terem aprendido o ofício por meio do processo imitativo, como denominou Quintana (1999). A primeira delas aprendeu com a vó, mas via frequentemente entre outros membros da família a utilização das rezas. Ela era responsável por levar até a avó as crianças que a mãe mandava para serem benzidas. Assim, ela presenciava o ato e aos poucos foi absorvendo e sendo instruída pela própria avó. Hoje, ela

costuma benzer contra o mau-olhado e em casos de ferimentos; outra, aprendeu com uma benzedeira de fora da família, a quem recorria com frequência para benzer o filho que sofria de mau-olhado. Com o tempo, ela passou a benzer outras pessoas e conforme percebia os bons resultados, começou a acrescentar palavras às rezas. Para ela, ser benzedeira é ter fé em Deus e acreditar nas palavras. A palavra é, por excelência, um fenômeno ideológico. Sua função de signo absorve toda a realidade em que está ancorada. Portanto, somente por serem simbolicamente habitadas, as palavras são validas de muito reconhecimento. Nesse sentido, reitero Douglas (1976) em sua obra clássica *Pureza e Perigo*, ao afirmar que

[...] não é exagero dizer que o ritual é mais para a sociedade do que as palavras são para o pensamento. Pois é bem possível conhecer alguma coisa e então, encontrar palavras para ela; mas é impossível ter relações sociais sem atos simbólicos (p. 80).

A terceira benzedeira que ouvi, contou que começou a aprender as rezas com 15 anos de idade. Há algumas rezas que ela faz apenas em crianças, como a de quebrante, que serve para afastar o mau-olhado. Outras ela faz tanto em pessoas, quanto em animais, como é o caso da reza para desmentidura – utilizada para solucionar contusões musculares – e da reza contra enzipa, que aprendeu quando necessitou de uma cura pessoal. Ela contou que a benzedeira ensinou a reza a ela para que pudesse se cuidar e se proteger do mal que a afetou.

A quarta benzedeira, além de contar sobre como iniciou o ofício, expressou sua preocupação com a atual falta de pessoas que saibam “as coisas do povo antigo”. Quando mais nova, ela fez companhia para a avó que havia ficado viúva. Como recompensa, a avó a ensinou rezar. Ela aprendeu as rezas para desmentidura, para abrir em jejum em semana santa, para queimadura e para mordida de cobra. Ela mencionou também a reza para apagar fogo em matas, mas essa a avó não ensinou, pois é considerada muito forte e só convém que algumas benzedeadas aprendam.

A quinta benzedeira, diferente das outras, reza apenas crianças. Ela conviveu com as rezas desde muito nova. Quando jovem, presenciava os rituais e foi por causa dessa aproximação que ela aprendeu rigorosamente sobre a importância das palavras de Deus iniciarem qualquer reza, pois “é Ele quem faz”. As palavras são instrumentos, mas segundo ela os resultados provêm da ação de Deus e da fé de quem recebe a benção. Essa não foi uma afirmação feitas apenas por ela. Havia um consenso de que se a pessoa que procura pela benção não acreditar em Deus e no rito, nada acontecerá. Isso coloca em evidência o que Brandão (s.d. apud Quintana, 1999, p. 41) afirma: “não é porque uma crença é verdadeira que

uma comunidade acredita nela; é porque a comunidade acredita coletivamente nela é que ela é verdadeira”.

Entre todas essas benzedadeiras havia um consenso sobre assumirem o ofício porque gostam e porque são comprometidas com a solidariedade. Uma delas disse que benzer é fazer o bem ao próximo, mas que se acontecer de não fazer bem, mal também não fará.

O sentido dessas práticas curativas advém da sua eficácia simbólica que só privilegiam aqueles portadores da fé. [...] laços de afetividade e solidariedade se estabelecem e as frustrações, as decepções, a dor e os sofrimentos se articulam numa rede de significados, onde o mal pode ser vencido e a esperança se anuncia (Machado, 1997, p. 6 apud Silva, 2010, p. 45).

O relato da aprendiz de benzedeira, maneira como se autodenominou, reflete o que o que Quintana (1999, p. 53 apud Santos, 2007, p. 35) chamou de experiência sobrenatural, e apontou para o desejo de uma descrição mais intimista sobre a sua experiência com a fé e com os ritos do catolicismo popular. Ela contou que seu avô, em vida, tentou ensiná-la uma “reza para viagem”. Mas foi depois da morte do avô que, em sonho, ele reapareceu ensinando a mesma reza para a jovem, e dizendo que ela precisaria se proteger pois faria uma viagem. De fato, ela estava com uma viagem programada. Ao acordar, percebeu ter aprendido cada palavra da reza. Desde então, ao viajar, ela se sente protegida pelas palavras ensinadas pelo avô durante o sonho. A partir desse relato, é possível observar um universo específico em que códigos de linguagem e rituais estabelecem contato entre o material e o que é compreendido por espiritual a partir da ótica do catolicismo popular. Mas há que se acreditar, pois “não existem testemunhos documentais, provas. É preciso antes de tudo experimentar, ver para crer” (Machado, 1997, p. 234 apud Silva, 2010, p. 33).

A aprendiz de benzedeira contou também que desde muito cedo insistia para que sua mãe, uma mulher benzedeira por quem nutre muita admiração, ensinasse-lhe as rezas. Aos 13 anos de idade, queixando-se de um cisco nos olhos que não conseguia tirar, foi rezada por sua mãe e imediatamente o cisco desapareceu. Em seguida, a mãe ensinou para a menina a reza para tirar cisco dos olhos. Bastou ouvir a reza uma vez para que ela decorasse as palavras e recebesse o reconhecimento da mãe de que ela “tinha o dom”, pois são poucas as pessoas que aprendem as rezas com facilidade e que, sobretudo, conseguem expulsar as energias ruins, mantendo-se humilde e generoso, sem se vangloriar daquela capacidade. Com isso, a jovem foi autorizada, mediante o dom, a aprender outras rezas como as de enzipa, desmentidura, de oferecimento de jejum, para queimadura e para viagem. A autorização ocorre gradualmente e

está condicionada a um processo de amadurecimento. Existem outras rezas que não foram ensinadas à jovem, pois é necessário que ela adquira discernimento e saiba sobre como se resguardar dos males que tiram de outras pessoas, como é o caso da reza de quebranto, que tem como finalidade tirar o “mau olhado” – efeito negativo manifesto no corpo de alguém que foi olhado por outro alguém mal-intencionado, geralmente motivado pelo sentimento de inveja²¹.

As experiências narradas pela aprendiz de benzedeira foram marcadas por um sentimento de pertencimento e de zelo pela tradição familiar e de fé em Taquaril dos Fialhos. Ela não apenas queria contar sobre a sua experiência, ela queria demonstrar como considerava realmente importante que a tradição de fé da comunidade fosse cuidadosamente registrada nesse trabalho. Para a jovem, as rezas encontram as pessoas e convocam elas a agirem. Assim aconteceu com ela. É nesse sentido que ela compreende haver no território uma espiritualidade ancestral que se comunica e questiona, pede socorro e mostra caminhos para serem percorridos na trajetória de luta em defesa do território, para que ele seja preservado e cultivado pelas mãos de quem possui raízes lá fincadas.

Em Taquaril dos Fialhos, acreditar no mistério compõe um quadro das experiências concretas da vida. Ir à missa, carregar um crucifixo, ir às festas religiosas, participar do catecismo, recorrer a uma benzedeira, ser uma benzeira, rezar e utilizar elementos naturais nos ritos religiosos são atos de fé, mas também representam uma prática coletiva desse grupo social. Trata-se de uma postura cultural herdada tradicionalmente e reelaborada continuamente. Um dia o primeiro morador de Taquaril dos Fialhos, Pedro Fialho, foi católico e recorreu a uma benzedeira; outro dia os netos do primeiro morador construíram a capela de São Pedro no território, homenageando o primeiro morador e em devoção ao santo católico; mais tarde, os filhos dos que construíram a capela formaram um grupo de jovens católicos; e o grupo de jovens católicos foi berço de uma aprendiz de benzedeira. Nessa comunidade sertaneja, ter fé está vinculado a pertencer ao território, está vinculado à tradição, à memória e às histórias de vida construídas socialmente.

²¹ Relacionei no Quadro 2, nos Anexos, as rezas que foram mencionadas nas falas das benzedeiros. Acrescentei os significados, também com base em seus relatos. É possível que existam outras rezas que não foram citadas pelas benzedeiros e, portanto, não estão relacionadas.

O sagrado em Taquaril se estende para as relações políticas que emergem no território. A fé se associa com a prática daquilo que se acredita e com a esperança do que se deseja. Durante um diálogo que tive com uma moradora que faz parte da coordenação do catecismo, perguntei se havia alguma relação da igreja na comunidade com a trajetória de luta contra a atuação das empresas de mineração no território. Ela me respondeu que não há distinção entre comunidade e igreja, pois quem constitui a comunidade, é também quem constitui a igreja. Portanto, a luta é forjada pelos mesmos sujeitos, seja na terra onde se planta, seja nas pedras que envolvem a cachoeira ou no altar onde se reverencia o sagrado. Compreendi que a defesa do território se expressa, sobretudo, através da persistência coletiva dos moradores ao defenderem os seus modos de vida tradicional. Para tanto, têm sido adotadas estratégias que visam dirimir as possibilidades de inserção de mineradoras no território. O registro desse processo de luta é um resgate de memórias que integram expectativas de futuro. É sobre esse tema que o próximo tópico abordará.

CAPÍTULO 4 – TERRITÓRIO TERRA-ABRIGO E TERRITÓRIO EXTRATIVO-MINERAL²² EM TAQUARIL DOS FIALHOS

Ao longo das duas últimas décadas, mineradoras nacionais e internacionais têm concentrado esforços para converter a Bahia em um grande polo de mineração. Nesse cenário, as regiões de Caetitê e Pindaí se destacaram com o recebimento de projetos minerários. O município de Licínio de Almeida, onde está situada Taquaril dos Fialhos, faz limite geográfico ao oeste com Pindaí e registra atividades constantes de empresas de mineração.

Conforme relatos dos moradores de Taquaril dos Fialhos e com base em dados coletados no site da Agência Nacional de Mineração (ANM), o histórico de atuação de empresas minerárias no território teve início no ano de 2007. As primeiras atividades de pesquisa mineral foram realizadas pela Bahia Mineração S.A. (Bamin), uma empresa privada que tem suas ações controladas pelo Eurasian Resources (ERG), grupo fornecedor de mineração e matérias-primas com operações no Cazaquistão, Brasil e África Central. No Brasil, a Bamin possui três projetos em andamento: o Pedra de Ferro, que consiste na construção de um complexo de extração, beneficiamento e transporte ferroviário e marítimo de minério de ferro da mina Pedra de Ferro, situada entre os municípios de Caetitê e Pindaí, no Território de Identidade Sertão Produtivo, na Serra Geral da Bahia; a Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol), que pretende ligar o município de Ilhéus ao município de Figueirópolis, no Tocantins, e terá como atribuição principal garantir o escoamento do minério extraído na região do Sertão Produtivo, e dos granéis, agrícolas e líquidos advindos das produções de monocultura do oeste da Bahia do Tocantins; e o porto Sul, um complexo portuário situado no município de Ilhéus, que deverá ocupar uma vasta extensão entre o alto mar e um retroporto na área continental (Oliveira; Brito, 2020).

Em 2011 a empresa Greystone Mineração do Brasil Eireli também manifestou interesse pela extração de minério de ferro e de manganês no território de Taquaril, numa área de 1278,17 hectares. No entanto, o Relatório Final de Pesquisa²³ produzido por ela não foi aprovado pela

²² Os conceitos território-abrigo e território extrativo-mineral são utilizados na tese de doutorado do pesquisador Lucas Zenha Antonino, publicada em 2019. Adotei-os aqui, dadas as devidas referências, pois se adequam à realidade observada em Taquaril dos Fialhos.

²³ O Relatório Final de Pesquisa Mineral é um documento que deve ser elaborado e apresentado, obrigatoriamente, durante o prazo de vigência do Alvará de Pesquisa, a fim de ter a liberação do processo de intrusão minerária concedida no regime de Autorização de Pesquisa, mediante a garantia de alguns aspectos, conforme consta no Código de Mineração (Decreto de Lei nº 227/1967), a saber: “Art. 22, Inciso V: o titular da autorização fica obrigado a realizar os respectivos trabalhos de pesquisa, devendo submeter à aprovação da ANM (Antigo DNPM), dentro do prazo de vigência do alvará, ou de sua renovação, relatório circunstanciado dos trabalhos, contendo os

ANM, sob justificativa de insuficiência dos trabalhos ou deficiência técnica na elaboração, com base no que instrui o inciso II do artigo 30 do Código de Mineração (Decreto de Lei nº 227/1967). Com isso, o processo de Requerimento da Autorização da Pesquisa junto à ANM foi arquivado.

Logo após o arquivamento do processo da Greystone, outro foi iniciado com vistas à exploração mineral na mesma área, dessa vez pela SRA Mineração, uma empresa situada em Caetité, no distrito de Brejinho das Ametistas. O descumprimento do prazo para a entrega do Relatório Final de Pesquisa culminou num pedido de prorrogação à ANM. Em seguida, a SRA transferiu a titularidade do processo para a empresa Vale do Paramirim Participações S.A (CVP), uma empresa de prospecção e pesquisa mineral que, por sua vez, iniciou em 2019 o processo de Requerimento de Disponibilidade para pesquisa na área que engloba o território habitado tradicionalmente pela comunidade Taquaril dos Fialhos.

Os projetos de mineração que chegaram em Taquaril dos Fialhos e que foram aqui elencados, são resultados de um movimento da indústria minerária do século XXI que subordina diversos países da América Latina a um modelo de desenvolvimento neoextrativista. Nesse modelo, aplica-se um padrão de acumulação voltado para a exportação de commodities viabilizado pela ampla exploração dos recursos naturais (Gudynas, 2012; Zhouri, 2019). Esse cenário é frequentemente marcado por um antagonismo de interesses representados, de um lado, por empresas e pelo Estado ao adotarem a lógica mercantil de apropriação da natureza para fins de acumulação de capital; de outro, pelas populações do campo, dos grupos tradicionais e de populações urbanas, sobretudo das periferias das cidades, que defendem o direito de continuidade das práticas socioeconômicas e culturais tradicionais nos territórios pesquisados e ou explorados pelas empresas de mineração. Antonino (2019) interpreta esse antagonismo a partir das concepções de “território terra-abrigo” e “território extrativo-mineral”. Segundo ele,

O território abrange duas faces contundentes que, dialeticamente, contradizem-se e complementam-se, tornando-o, portanto, fonte de conflitos: o “território recurso” e o “território abrigo”. Para as grandes empresas da mineração, o que importa é estabelecer um território que lhe forneça os recursos minerais para o uso interno ou para a exportação, objetivando e maximizando os lucros; e para as populações do campo e as comunidades tradicionais, territorializar-se é retirar da natureza a reprodução para a sobrevivência, em um processo que engloba identidade,

estudos geológicos e tecnológicos quantitativos da jazida e demonstrativos da exequibilidade técnico-econômica da lavra, elaborado sob a responsabilidade técnica de profissional legalmente habilitado”. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0227.htm#:~:text=Del0227&text=DECRETO%20LEI%20N%C2%BA%20227%2C%20DE%2028%20D%20FEVEREIRO%20DE%201967.&text=Art.%20consumo%20de%20produtos%20minerais. Acesso em: 01 de dezembro de 2023.

pertencimento e simbolismo. Essa é uma diferença vital que tem um cunho filosófico encaminhada pela questão “o que é a natureza?”; sendo importante ressaltar que no espaço geográfico “[...] a natureza não é mera base ou parte integrante. É uma condição concreta de sua produção social. E isso porque a natureza é uma condição concreta da existência social dos homens” (MOREIRA, 2013, p. 65) (Antonino, 2019, p. 52).

Antonino (2019) descreve também a multidimensionalidade dos conflitos causados pela mineração no Brasil:

Os conflitos de mineração envolvem, portanto, o subsolo na busca dos minerais, os níveis freáticos e os aquíferos, a utilização dos rios e das bacias hidrográficas como um todo, a superfície com a supressão da flora e do solo e o isolamento da fauna. Há, portanto, a sobreposição de interesses econômicos em relação aos usos e ocupações humanas no território como “terra abrigo”. Além disso, a construção de pilhas de estéril ou barragens de rejeitos podem comprometer as populações do entorno destas atividades, por contaminações e por exposições de resíduos e de poeiras no ar em todo o processo de extração, de beneficiamento e de transporte destas cargas, além da excessiva poluição sonora ao redor de minas a céu aberto e suas constantes detonações de explosivos e máquinas pesadas em funcionamento. A abrangência das questões conflituosas de atividades extrativistas minerais não pode ser mensurada apenas no seu entorno imediato. Todo um complexo logístico envolto para a concretização da comercialização do material extraído deve ser considerado. O local de pesquisa e, posteriormente, o da extração, o do beneficiamento, o da destinação do rejeito, o da captação de água e de energia, os sistemas de transportes rodoferroviários e os escoamentos via portos ou minerodutos; todos esses passos pertencem a essa engrenagem do território mineral. Os conflitos são multidimensionais e avançam, sobretudo, fundamentados nos usos intensivos de recursos e nas apropriações dos territórios terra-abrigo (p. 36-37).

O relatório Conflitos no Campo, elaborado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), publicado em 2023, registrou na Bahia 211 conflitos no campo envolvendo 58.138 pessoas. O território de Taquaril dos Fialhos é apontado como um dos que compõem esse quadro, no que diz respeito ao uso e a preservação dos seus recursos naturais. Trata-se de um território terra-abrigo, à luz das considerações feitas por Antonino (2019), opondo-se aos projetos desenvolvidos pelas empresas de mineração que se voltam para a consolidação de um território extrativo-mineral, responsáveis por espoliar direitos tradicionais de uso dos recursos naturais e desconsiderar o pertencimento e os simbolismos elaborados pelas cinco gerações que constituíram Taquaril dos Fialhos ao longo de mais de um século.

Há, entre os moradores de Taquaril dos Fialhos, uma preocupação legítima e muito bem fundamentada sobre o que tem acontecido e o que certamente acontecerá com o território caso a extração mineral se concretize. Nesse sentido, diversos relatos expuseram as maneiras invasivas com que as empresas de mineração se inseriram no território. Entre elas, destaco algumas: entradas não consentidas de representantes das empresas nas áreas pertencentes aos moradores de Taquaril; derrubamentos de cercas e aberturas de picadas sem apresentação de

autorização legal; e coerção de moradores para que assinassem autorizações de entrada das empresas no território. Mas para além desse contexto, as falas dos moradores apontavam de maneira contundente para uma preocupação com os recursos hídricos, segundo eles, já afetados negativamente pelas atividades minerárias em curso na região, e para uma iminente saída dos moradores do território, em virtude da escassez dos recursos naturais e dos perigos acarretados pela mineração à saúde e sobrevivência humana.

Outra inquietação está relacionada a possível construção de uma barragem de rejeitos²⁴ na parte alta do território. Um dos moradores explicou que, pensando a geografia local, a construção de uma barragem de rejeitos poderá causar danos irreversíveis, pois em caso de rompimento afetará de um lado o rio e do outro a comunidade. O morador também lembrou de uma reunião realizada no território para debater a atuação da Vale do Paramirim S.A em que ele questionou um dos responsáveis pela empresa acerca de algumas questões. O episódio foi registrado em uma matéria publicada no site *Le Monde Diplomatique*. Transcrevo a seguir um trecho:

– Eu não entendo das coisas não, mas se despejar um balde de água aqui na minha cabeça pra onde é que ela vai correr?

Em seguida, respondeu o empresário:

– Não sei. Você tem seu direito de dizer, mas não significa que o que você está dizendo é verdade.

Insatisfeito com a resposta o senhor de 70 anos interrogou:

– Não sabe? Olha o morro lá em cima. Olha o Taquaril aqui embaixo. Quando chover a água vai correr para onde? Para vocês tirarem o minério, quando vocês forem trabalhar lá, para onde é que vão essas coisas? Não vai atingir as nossas baixas? Quer dizer que a água vai subir? Quer dizer que depois que vocês começarem a explorar não vai chover lá no alto mais não? Para onde é que vai?

– Você não sabe, você não é engenheiro de minas, não é geólogo! – retrucou o empresário.

No entanto, o senhor não se intimidou pelos argumentos de falta de escolaridade e com muita sabedoria respondeu:

– Mas eu vejo meu amigo! Para onde é que correram as lamas que mataram o povo de Brumadinho? (*Le Monde Diplomatique*, 2021)²⁵.

²⁴ Estrutura de terra construída para armazenar resíduos do beneficiamento úmido.

²⁵ É possível visualizar a entrevista através do link: <https://diplomatique.org.br/a-trajetoria-de-luta-contra-mineracao-na-comunidade-taquaril-dos-fialhos/>. Acesso em 03 de dezembro de 2023.

Essas e outras preocupações reforçam o que Antonino (2019) sinaliza:

O avanço dos atuais **territórios extrativo-mineral** sobre a natureza, reduzida a recurso, subordinada a uma lógica imediatista, rentista e patrimonialista, é uma forma poderosa de acumulação por espoliação, que subjuga as populações rurais e os grupos tradicionais em seus **território terra-abrigo**. Algumas decisões para a exploração da lavra expulsam as populações de determinado território até mesmo antes da extração. As diversas **amputações territoriais** (GUDYNAS, 2009, 2015) geradas inviabilizam a produção agropecuária, os extrativismos vegetais e a pesca para subsistência. Em síntese, espoliar significa privar alguém ou algum grupo de algo por meios ilícitos, ilegítimos ou violentos e, assim, o modelo de extração mineral brasileiro tem sido uma maneira pujante de espoliação territorial (p. 16-17).

As narrativas dos moradores de Taquaril dos Fialhos envolvendo as memórias relativas ao histórico das ações de empresas de mineração no território foram constantes no decurso do trabalho de campo e da escrita dessa monografia. Notadamente, esse tema é o que enseja a mobilização da comunidade na elaboração de uma identidade própria que reverbere sentidos capazes de evitar a espoliação territorial perpetrada pela mineração, resguardando, conseqüentemente, a cultura local. Isso evidencia a constatação de Barth (1999) sobre identidade étnica não ser uma característica fixa e inerente a um grupo étnico, mas sim uma construção social que surge das interações entre diferentes grupos. “Na medida em que os agentes se valem da identidade étnica para classificar a si próprios e os outros para propósitos de interação, eles formam grupos étnicos em seu sentido de organização” (Barth, 1969, p. 13 apud Oliveira, 1976, p. 4).

É sob a perspectiva de consolidação dessa identidade que Taquaril dos Fialhos tem elaborado algumas estratégias fruto de uma consciência coletiva firmada ao longo dos anos por toda a comunidade. Uma delas consiste em somar forças com movimentos sociais e políticos que forjam lutas em defesa de territórios tradicionais no Brasil. Assim, no ano de 2018, Taquaril dos Fialhos estabeleceu vínculo com a Cáritas Brasileira, uma organização da Igreja Católica, que se vincula à Cáritas Internacional e que tem como parte do seu objetivo defender e promover toda forma de vida, participando da construção solidária da sociedade do bem viver, junto às pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social (Cáritas, s.d.). Além do envolvimento com a Cáritas, Taquaril dos Fialhos também recorreu à colaboração do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), um movimento popular nacional que se dedica a organização coletiva dos envolvidos em conflitos desencadeados pela mineração no Brasil, e que pauta, prioritariamente, um modelo de utilização de bens minerais, na forma de propriedade social e em benefício de todo o povo brasileiro.

Com isso, iniciou-se uma relação de trabalho e de luta em parceria com o MAM e com a Cáritas, que resultou na ampla divulgação dos conflitos territoriais em Taquaril dos Fialhos e no empenho de setores jurídicos que atendem aos trabalhadores camponeses, como a Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais (AATR), a fim de instrumentalizá-los, entre outras coisas, sobre os direitos relativos ao território em que vivem. Vários *sites* jornalísticos publicaram matérias muito qualificadas sobre Taquaril dos Fialhos e sobre os ataques perpetrados pelas empresas de mineração. Com esse mesmo intuito, foram produzidos vídeos, documentários e *podcasts* que circulam na internet²⁶. Reuniões em que os moradores dialogavam com representantes da área jurídica e de movimentos sociais se tornaram recorrentes.

Um dos resultados da vinculação com os movimentos sociais e políticos se deu em 2022, quando a Articulação para o Monitoramento dos Direitos Humanos no Brasil (AMDH), contemplou Taquaril dos Fialhos com uma ação de documentação e monitoramento de violações de direitos humanos no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. A AMDH está sob a coordenação do Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH Brasil), do Processo de Articulação e Diálogo Internacional (PAD) e do Fórum Ecumênico ACT Brasil (FE ACT Brasil), e conta com a participação e colaboração de, em média, 100 organizações e movimentos sociais que atuam com direitos humanos nos estados brasileiros. A ação de documentação e monitoramento em Taquaril dos Fialhos foi registrada num relatório publicado em 2022 pela AMDH, que destacou reivindicações da comunidade e recomendações aos Governo Federal, ao Governo do Estado da Bahia, ao Ministério Público Federal e ao Ministério Público do Estado da Bahia sobre o combate à recrudescência da violação de direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais em Taquaril dos Fialhos.

Ao longo da história as famílias de Taquaril dos Fialhos se organizaram coletivamente para garantia de alguns direitos e anseios. O acesso à escolarização; a construção da capela de São Pedro; a chegada da energia elétrica; a construção da fábrica de cachaça artesanal; a

²⁶ Links de acesso aos conteúdos públicos sobre Taquaril dos Fialhos:

1. <https://diplomatie.org.br/a-trajetoria-de-luta-contr-a-mineracao-na-comunidade-taquaril-dos-fialhos/>. Acesso em: 28 de novembro de 2023.
2. <https://meussertoes.com.br/2020/08/31/os-dois-jooes/>. Acesso em 28 de novembro de 2023.
3. <https://cptba.org.br/vale-do-paramirim-vai-ate-comunidade-de-taquaril-dos-fialhos-acompanhada-de-policiais-fortemente-armados/>. Acesso em 28 de novembro de 2023.
4. <https://racismoambiental.net.br/2021/03/17/a-trajetoria-de-luta-contr-a-mineracao-na-comunidade-taquaril-dos-fialhos-ba/>. Acesso em 28 de novembro de 2023.
5. <https://www.youtube.com/watch?v=P-JmxDHRwGQ>. Acesso em 28 de novembro de 2023.
6. <https://www.youtube.com/watch?v=J4QcC6egFk8&t=758s>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

fundação da Associação dos Pequenos Agricultores de Taquaril dos Fialhos; e a construção da barragem das Nascentes da Serra do Salto, dos poços e açudes são alguns exemplos de conquistas coletivas já mencionadas anteriormente. Além disso, a solidariedade coletiva conformou, durante muitos anos, uma estrutura coesa que atribui à comunidade uma característica de quase autossuficiência. Num contexto em que grupos externos colocam os direitos, os anseios e a quase autossuficiência de Taquaril dos Fialhos em risco, a comunidade tem se ancorado no princípio de organização coletiva mais uma vez e elaborado, juntos, estratégias de defesa da tradicionalidade da comunidade, que se revelam, até então, através das relações mantidas com os movimentos sociais e políticos que possuem uma trajetória de luta em defesa de populações tradicionais; e através da produção de materiais que evidenciam a tradicionalidade em Taquaril (vários deles apresentados nesse trabalho). Essas estratégias refletem aspectos morais e estéticos da cultura em Taquaril dos Fialhos que conformam o que Geertz (2008) chamou de *ethos*.

CAPÍTULO 5 – OS OBJETOS TESTEMUNHAM O TEMPO VIVIDO

Este capítulo está dedicado a apresentação de fotografias de objetos de herança da comunidade de Taquaril dos Fialhos. Elegê-los para a composição desse texto parte da compreensão de que os objetos são atravessados por dinâmicas sociais e, por isso, revelam sentidos compartilhados por pessoas que lhes atribuem valores e simbolismos a partir das suas experiências intersubjetivas e com o mundo em que vivem. Os objetos remetem, inclusive, a capacidade humana de criar, confeccionar e operar de diversas formas em lugares específicos (Silveira; Lima Filho, 2005).

O simbólico nos objetos envolve um universo mental implicado em certos mapeamentos, atribuições de sentidos mais ou menos subjetivos e fluxos de imagens que situam a coisa em si pelo que significa para os sujeitos, seja como ícone ou como via de comunicação com as experiências culturais. Os objetos rememoram vivências, lugares e percorrem a linha tênue entre esquecimentos e lembranças (Silveira; Lima Filho, 2005.).

Para Geertz (2008), o conceito de objeto se refere a elementos culturais que podem ser interpretados e analisados a fim de compreender os significados em uma sociedade ou grupo. Segundo ele, a antropologia deve se concentrar não apenas em estudar os aspectos materiais da cultura, mas também em interpretar os sistemas simbólicos que dão significados a esses aspectos materiais. Um objeto pode ser lido como um símbolo que carrega significados culturais e que “fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que ele representa uma porção significativa da paisagem vivida” (Silveira; Lima Filho, 2005, p. 40).

As memórias e os enredos combinados em objetos são realçados a partir da materialidade. Taquaril é delineada por elementos que remetem a pessoas, lugares e momentos vividos. Como exemplos, tem-se o carro de boi, o chapéu de couro, a sela para o cavalo, o berrante, o estribo, a espora, o cocho, o engenho, o arado, o requeijão, a rapadura, o pilão de madeira, a panela de barro, a moringa, a cerca de pedra, o crucifixo, o oratório, o ferro de passar roupa, a roda de fiar, a máquina de costura, o novelo, a carta.... Algumas representações desses elementos foram narradas ao longo do texto. Agora, ocupo-me em apresentar as fotografias dos objetos de herança.

Essas fotografias foram feitas por moradores de Taquaril dos Fialhos com o objetivo de compor as estratégias de uma luta que se desdobra e que tem como finalidade defender o território em que vivem. Trata-se de registrar elementos que evidenciam a tradicionalidade da comunidade, resgatando memórias e realçando uma identidade própria. Assim, os objetos representam a materialidade da cultura ao evocarem a memória e fortalecerem os vínculos da comunidade com o lugar habitado. Aqui, esses objetos estão ligados à experiência de vida dos sujeitos que compõem Taquaril dos Fialhos. É sobre esse lugar que eles falam e tecem uma paisagem.

5.1 Registros fotográficos²⁷

²⁷ Todas as fotografias foram registradas pelos moradores de Taquaril dos Fialhos e compartilhadas comigo para composição desse texto.

Foto 1 - Sela - acolchoado para usar sobre o cavalo



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 2 - Carro de boi - carro que é atrelado ao boi utilizado como transporte



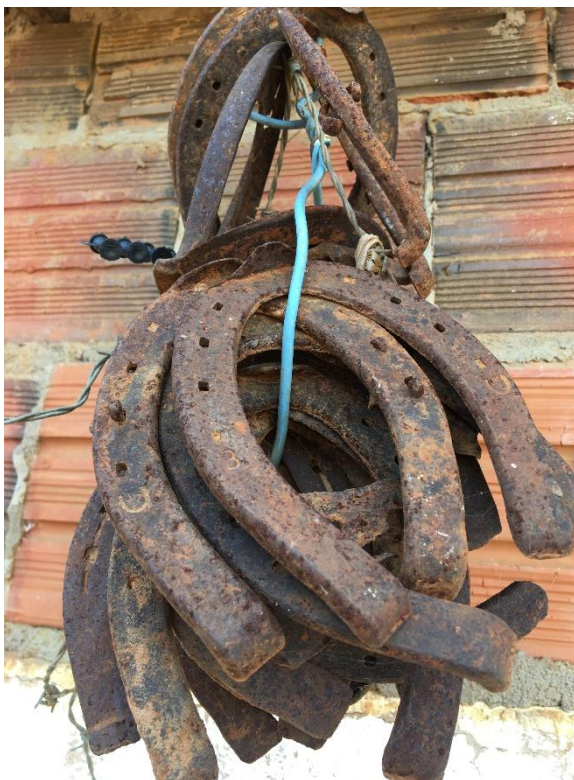
Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 3 - Roupa usada para montar a cavalo



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Fotografia 4 – Ferradura utilizada na pata do cavalo



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 5 – Berrante - instrumento feito de chifre de boi e couro para tocar o gado



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 6 - Chapéu de couro



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 7 - Cabo da taca utilizada para conduzir cavalo



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 8 - Estribo - calçado utilizado por quem monta a cavalo



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 9 - Espora - utilizada no calçado de quem monta a cavalo



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 10 - Cocho - local onde é colocada a comida do gado



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 11 - Canga - utilizada para puxar o carro de boi



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 12 - Bico de arado - utilizado para lavrar a terra



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 13 - Engenho - utilizado para produção de cana-de-açúcar



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 14 - Casa de rapadura - local com objetos onde é produzida rapadura



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 15 - Pilão - utilizado para triturar geralmente alimentos.



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 16 - Ferro de passar roupa



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 17 - Balança



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 18 - Máquina de fiar - utilizada para transformar fibras têxteis de algodão, seda e lã em fio



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 19 - Novelo



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 20 - Máquina de costura



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 21 - Oratório - utilizado para colocar símbolos religiosos



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 22 - Crucifixo



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 23 - Porta-retrato com representação de Jesus



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 24 - Moringa de barro- utilizada para colocar água



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 25 - Baú utilizado para guardar roupas



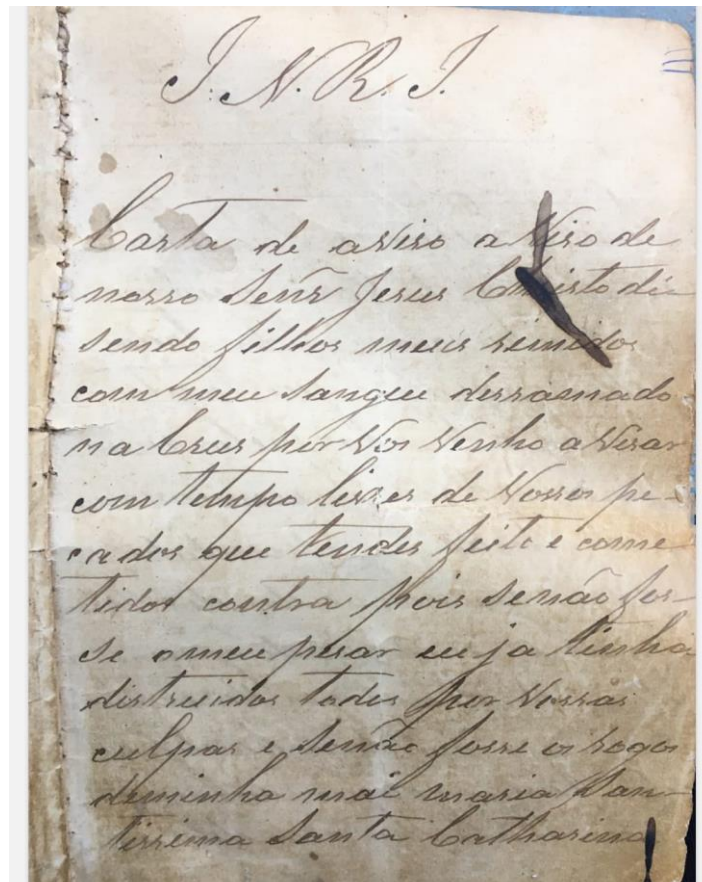
Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 26 - Facão



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 27 - Trecho de uma carta



Fonte: Taquaril dos Fialhos

Foto 28 - Rádio



Fonte: Taquaril dos Fialhos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo etnográfico teve como principal objetivo interpretar conhecimentos e práticas que emanam das memórias dos moradores de Taquaril dos Fialhos, uma comunidade camponesa situada no município de Licínio de Almeida, no sudoeste baiano. A definição desse objetivo foi resultado de um processo dialógico entre mim e a comunidade, pois, interessava-me construir um trabalho que se incorporasse às estratégias de luta forjadas por Taquaril dos Fialhos num contexto de valorização e defesa do território habitado há mais de um século por gerações de uma mesma família, em oposição às empresas de mineração nacionais e internacionais que apresentaram projetos de exploração extrativo-mineral em área da comunidade.

O conceito de território utilizado nessa pesquisa foi elaborado a partir da concepção de que um território, seja natural ou artificial, é definido pelo uso que é exercido sobre ele por uma determinada sociedade ou grupo. Esse uso se expressa por meio de heranças sociais e por movimentos atuais, ambos relativos à cultura de um povo. Assim, compreende-se que o território usado é chão e identidade (Santos, 2007). Nesse sentido, interpretei, em Taquaril dos Fialhos, práticas, conhecimentos e simbolismos que emergem das memórias dos moradores e que dão sentidos ao território habitado.

Na comunidade, os aspectos socioculturais estão relacionados à vinculação dos seus moradores com a terra. A história da família Fialho está amalgamada à história da formação e consolidação do local em que estão situados. O processo de territorialização, por exemplo, culminou na constituição de um patrimônio familiar mantido entre as gerações originadas de um fundador comum, através de normas de herança e de solidariedade. Assim, foi possível identificar que o sistema de parentesco e as práticas de reciprocidade em Taquaril dos Fialhos têm seus sentidos associados às noções de terra e propriedade. Essa constatação coadunou com o que Woortmann (1959) observou a partir dos seus estudos em sítios camponeses no estado de Sergipe, pois, segundo ela, as relações produtivas, econômicas e o patrimônio territorial camponês estão estritamente associados ao parentesco.

Os padrões de residência, casamento e de herança percebidos foram e são operados de modo que as terras sejam preservadas nas mãos dos que descendem dos fundadores da comunidade. Isso tem garantido a reprodução social do grupo e a preservação dos patrimônios

familiares (por exemplo: casas e áreas de plantio) e das áreas de uso comum (por exemplo: capela e cachoeira).

O trabalho com agricultura e com a criação animal exprimiram elementos associados a cultura e a história da comunidade. Além de representar um conjunto de técnicas, o trabalho é também um produtor de ações simbólicas. Em outras palavras, “além de produzir cultivos, o trabalho produz cultura” (Woortmann & Woortmann, 1997, p. 15). Em Taquaril, com o trabalho de caráter familiar, objetiva-se assegurar a subsistência dos grupos domésticos e não a acumulação ou o reinvestimento. Por isso, desde as experiências dos primeiros moradores, permanecer no território se relaciona diretamente com produzir no território. Dessa forma, sob um sentimento de pertença, são preservadas as condições materiais, socioculturais e econômicas características do lugar.

Nas interpretações sobre as expressões de fé e religiosidade, observei que a crença no mistério e as experiências que decorrem disso constituem parte das experiências concretas da vida dos sujeitos. Ir à igreja ou a uma benzedeira representa uma atitude de fé, mas também uma prática coletiva elaborada e apreendida pelo grupo ao longo do tempo, pois “crer se vincula ao pertencimento, à tradição, à memória, à história de vida construída socialmente” (Oliveira, 2006, p. 15).

A discussão apresentada acerca da atuação de empresas de mineração em Taquaril dos Fialhos foi algo que teve como objetivo, sobretudo, evidenciar as características relacionadas a concepção de território elaborada pela comunidade e os seus modos de organização coletiva. Mas foi fundamental apontar o panorama minerário que se desenha em todo o território nacional, principalmente na Bahia, pois a realidade de Taquaril dos Fialhos em relação aos interesses das empresas de mineração e do Estado não é uma realidade isolada. Os conflitos agrários no Brasil demonstram que os territórios terra-abrigo têm sido expostos cotidianamente às consequências de um projeto de território extrativo-mineral. Enquanto os primeiros refletem um processo de territorialização em que da natureza é extraída a subsistência e, mais que isso, a própria existência, o outro é utilizado para a exploração máxima de recursos minerais, objetivando acúmulos e lucros.

Taquaril dos Fialhos é território-abrigo há mais de um século para famílias que preservam e cultivam os recursos naturais disponíveis na área. É lá onde se fortalece, a cada dia, o sentimento de pertencimento dos moradores ao território e onde são elaborados sentidos

próprios relativos a sociabilidade e cultura que dão condições para a reprodução social do grupo. No entanto, as investidas contínuas das empresas de mineração têm colocado em risco a permanência da comunidade no território à medida que reduzem a natureza local ao caráter de recurso, haja vista que as amputações territoriais decorrentes da exploração minerária podem inviabilizar a prática da agricultura familiar, a criação animal e a utilização dos recursos hídricos.

Os projetos de exploração minerária em Taquaril dos Fialhos sinalizam para uma possível sujeição da comunidade a um cenário não desejado pela própria comunidade. Mas há, entre o grupo, uma compreensão norteadora de que é imperioso inverter o caos e ordenar a sobrevivência, a conservação da vida e do grupo. Partindo dessa compreensão, este trabalho se vincula a Taquaril dos Fialhos com o propósito de manifestar as suas reais vontades e, sobretudo, o direito de reprodução social do grupo com base em suas concepções de território. Para tanto, foi imprescindível ouvir as narrativas dos moradores.

A história oral foi a grande viabilizadora deste trabalho. Dessa maneira, acessei a história e sentimentos de uma comunidade tradicional camponesa do sertão baiano. Através dela também pude acessar fontes documentais extremamente relevantes sobre os modos de vida e as relações sociais que se estabelecem no território. As narrativas, perpassadas por uma construção contínua, não se encerram na comunidade, uma vez que não está desassociada do mundo global, apesar de ser gerida a partir de uma perspectiva local. Em suma, trata-se de uma história viva, compartilhada através de narrativas que são, conforme os dizeres do antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida, “o que vivem, acreditam e enfatizam como dando sentido à sua organização social” (Almeida, 2006, p. 36)

Confiada a mim pelos moradores com uma disposição notadamente expressa, a história de Taquaril dos Fialhos me alcançou afetuosamente e me convocou a construir este trabalho que anuncia persistências e vicissitudes de uma porção do sertão baiano. Com o resultado desse trabalho, afirmo, assim como uma das benzedeadoras de Taquaril dos Fialhos, que “é preciso acreditar nas palavras” que são ditas e escritas genuinamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Ana Isabel. Grupo doméstico e mudanças sociais: abordagens quantitativas e qualitativas. **Etnográfica**, v. 4, n. 1, p. 153-182, 2000.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. 2. ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2008.

ANTONINO, Lucas Zenha. **Territórios extrativo-mineral na Bahia: violações de direitos e conflitos nos territórios terra-abrigo**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019a.

BARBOSA, Johildo; MARINHO, Moacyr; SABATÉ, Pierre. **Cráton do São Francisco na Bahia: uma síntese**. Revista Brasileira de Geociências, Paraná, v. 33, p. 3-6, 2003.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e as Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTGNAT, Philippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

CÁRITAS. Cáritas, 2023. Missão. Disponível em: <https://caritas.org.br/missao>. Acesso em: 28 de novembro de 2023.

CHAYANOV, Alexander V. **La organización de la unidad económica campesina**. 1974.

CHAYANOV, Alexander V. **The Theory of Peasant Economy**. THORNER, D; KERBLAY, R. (Ed.). American Economic Association, Homewood, 1966.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens/edUFRJ, 2016. 388p

CPT – Comissão Pastoral da Terra. **Caderno de Conflitos no Campo** – Centro de Documentação Dom Tomás Balduino - Goiânia: CPT Nacional – Brasil, 2023.

DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). 2001. **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

EVANS- PRITCHARD, E.E. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

FORTES, Meyer. **O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico**. Brasília: UnB, Caderno de Antropologia 6, 1974.

FREIRE, Matildes; SANTANA, Karla Mychely. O destaque educacional do município de Licínio de Almeida e a história de sucesso da Escola Municipal Pingo de Gente: como é possível uma educação de qualidade para todos?. *In*: Tribunal de Contas do Estado da Bahia; Tribunal de Contas dos Municípios do Estado da Bahia. **Educação é da Nossa Conta: construções, palavras e produtos**. Salvador: TCE/BA, 2022. v. 2. p. 11-42.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 2008.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GHIZELINI & ARAGUÃO. Campesinato e Agricultura familiar: divergências e convergências para o reconhecimento e fortalecimento da agricultura de base familiar. 2019, p. 97). Vitória: **Sinais**, n. 23/1, p. 90-111, jan/jun. 2019.

GODOI, Emília Pietrafesa de. **O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí**. Campinas-SP: Editora Unicamp, 1999.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Iphan, 2007.

GUDYNAS, E. O novo extrativismo progressista na América do Sul: teses sobre um velho problema sob novas expressões. *In*: LÉNA, P.; NASCIMENTO, E. P. do (Org.). **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE, 2022. Licínio de Almeida. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/licinio-de-almeida/panorama>. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

IBRAM. Ibram Mineração do Brasil, 2023. Infográfico Mineração em Números. Disponível em: <https://ibram.org.br/publicacoes/?txtSearch=&checkbox-section%5B%5D=1236>. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

LAMARCHE, H. **Agricultura familiar: do mito à realidade**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Cru e o Cozido**. Mitológicas. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

LISBOA, Andréia; LOBO, Leila. A trajetória de luta contra a mineração na comunidade Taquaril dos Fialhos. *Le Monde Diplomatique*, 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-trajetoria-de-luta-contra-mineracao-na-comunidade-taquaril-dos-fialhos/>. Acesso em: 26 set. 2023.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura popular e desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MAIA, Deise. Rumos da antropologia no mundo contemporâneo: tendências metodológicas e teóricas. Londrina: **Revista Mediações**, vol. 5, n. 2, p.125-151, jul./dez, 2000.

“Não é só uma terra... Nada paga a vida que temos aqui”. Direção: Thomas Bauer. Produção de Comissão Pastoral da Terra, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J4QcC6egFk8&t=754s>. Acesso em 8 de novembro de 2023.

MANDELLI, Mariana Carolina; SOARES, Michel de Paula & FAVERO, Raphael Piva Favalli. O método genealógico na pesquisa antropológica. *In*: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2017. Disponível em:

<https://ea.fflch.usp.br/obra/o-metodo-genealogico-na-pesquisa-antropologica>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In: _____*. Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 563p.

MENDRAS, Henri. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

MOURA, Margarida Maria. **Os herdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

MURA, Fábio; SILVA, Alexandra Barbosa da. “Organização doméstica, tradição de conhecimento e jogos identitários: algumas reflexões sobre os povos ditos tradicionais”. *In: Raizes – Revista de Ciências Sociais e Econômicas*. Vol 31, n. 1, jan-jun - 2011.2012, - pp. 96-117.

NOGUEIRA, Mônica C. V. **Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais**. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é Benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985

OLIVEIRA, Nelma Gusmão; BRITO, Diego Henrique Santos. Conflito ambiental no sertão baiano: o projeto Pedra De Ferro em Caetité e Pindaí. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.22, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202044>. Acesso em: 02 de dezembro de 2023.

OLIVEIRA, Paulo. A luta para proteger Taquaril dos Fialhos. **Meus Sertões**, 2020. Disponível em: <https://meussertoes.com.br/2020/08/31/os-dois-jooes/>. Acesso em: 01 de outubro de 2023.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Unesp, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PAVANI, Greti; ANDREIS, Adriana. O Processo de Nucleação e Fechamento de Escolas no Campo e a Luta dos Movimentos Sociais Pela Educação do Campo. *In: Simpósio Internacional de Geografia Agrária*, VIII e Simpósio Nacional de Geografia Agrária, IX, 2017, Curitiba. Disponível em: https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt14_1506706386_arquivo_greti_finalsinga.pdf. Acesso em: 13 de novembro de 2023.

QUINTANA, Alberto M. **A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de Psicanálise**. Bauru, EDUSC, 1999.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 120ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. Disponível em: <https://iedamagri.files.wordpress.com/2020/02/vidas-secas-graciliano-ramos.pdf>. Acesso em: 27 de novembro de 2023.

RIVERS, William Halse Rivers. O método genealógico de pesquisa em antropologia. *In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (Org.). A Antropologia de Rivers*. Campinas: Edunicamp, 1991.

SANTOS NETO, Ernani Francisco dos. **O rosário de lágrimas de Nossa Senhora nas mãos de Maria: benção e saúde no Brasil contemporâneo**. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 24, n.1, jan./jun. 2021, p. 53-65.

SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das rezadeiras**: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em cruzeta/RN. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

SANTOS, Milton. Espaço, mundo globalizado, pós modernidade. *In*: LEITE, Maria Ângela (Org.). **Encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

SILVA, Giselda Shyrley. da. Benzedores e Raizeiros: saberes partilhados na comunidade remanescente de quilombo de Santana da Caatinga – 1940 - 2011. Revista **Mosaico**, v.3, n.1, p.33-48, jan./jun. 2010.

SIMMEL, Georg. Sociologia: estúdios sobre las formas de socialización. Tradução de J. Pérez Bances. Vol. 1. Madri: **Revista de Occidente**, 1926.

SIMMEL, Georg. Sociologia: estúdios sobre las formas de socialización. Tradução de J. Pérez Bances. Vol. 2. Madri: **Revista de Occidente**, 1927.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. **XX Encontro Anual da ANPOCS**. Gt 17. Processos Sociais Agrários. Caxambu, MG. Outubro, v. 21, 1996.

_____. Em busca da modernidade social: uma homenagem a Alexander V. Chayanov. *In*: BRANDENGURG, Alfio; DUARTE, Angela (Orgs.). Para pensar outra agricultura. Curitiba: Editora da UFPR, p. 29-49, 1998.

WOLF, Eric. Types of Latin American Peasantry: A preliminary discussion. **American Anthropologist**, v. 57, p. 452-471, 1955.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres. Colonos do Sul e Sitiantes no Nordeste**. Brasília: Edunb, 1995.

WOORTMANN, Ellen F; WOORTMANN, Klass. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Edunb, 1997.

WOORTMANN, Ellen F. Padrões tradicionais e modernização: comida e trabalho entre camponeses teuto-brasileiros. *In*: MENASCHE, Renata (org). **A agricultura familiar a mesa**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2007. p. 177-196. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/6316/A_agricultura_familiar_a_mesa.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 de novembro de 2023.

WOORTMANN, Klass. “Com parente não se negueia”: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico/87**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1990.

ZHOURI, A. (org.). **Mineração, violências e resistências**: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil. Marabá: Iguana: ABA, 2018.

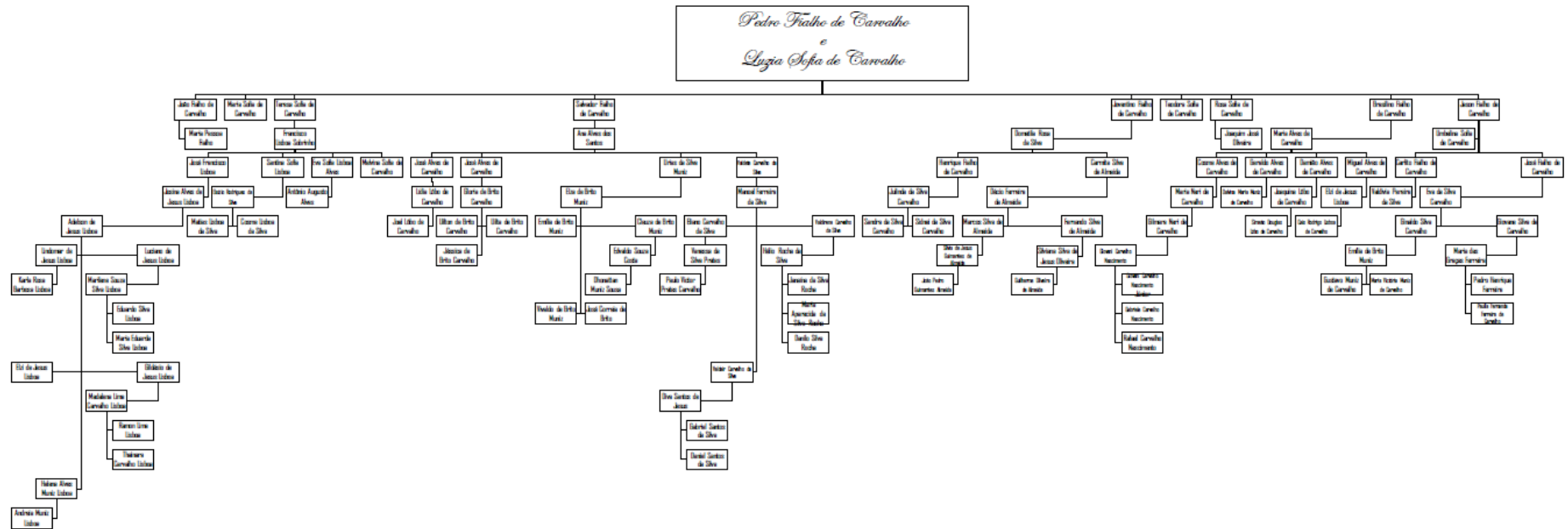
ANEXOS

Quadro 2 – Relação de rezas e seus significados

<p>A reza para quebranto é feita para curar os sintomas do mal olhado, a saber: olhos lacrimejantes, bocejos constantes, moleza no corpo, ausência de apetite e desânimo. Segundo a crença, o quebrante pode se manifestar em pessoas e animais, levando ao adoecimento e até à morte.</p>
<p>A reza para desmentidura é feita para curar casos de contusão muscular e luxação óssea.</p>
<p>A reza para enzipa ou erisipela é feita para cura de feridas avermelhadas, inflamadas e dolorosas na pele. A doença geralmente se manifesta nas pernas e nos pés.</p>
<p>A reza para abrir jejum é feita, geralmente, durante a Semana Santa, período em que a tradição cristã celebra a “paixão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo”. Ao iniciar a semana, evita-se comer carne como expressão de respeito a morte de Jesus. Para que o sacrifício seja validado diante de Deus, é preciso fazer a reza.</p>
<p>A reza para queimadura é feita para curar queimaduras.</p>
<p>A reza para viajar é um ritual destinado a quem vai viajar, a fim de proteger a pessoa.</p>
<p>A reza para cisco no olho é feita para tirar ciscos quem aparecem nos olhos.</p>
<p>A reza para cobreiro é feita quando alguma aranha passa sobre a pele de uma pessoa ou animal pertencente a determinada família.</p>
<p>A reza para mordida de cobra é feita quando alguma pessoa ou algum animal pertencente a determinada família é mordido por cobra.</p>
<p>A reza para fogo nas matas é feita para sessar os fogos em matas.</p>

Fonte: informações obtidas pela autora, 2023.

A descendência de Pedro Fialho de Carvalho e Luzia Sofia de Carvalho na formação da Comunidade Taquaril dos Fialhos-Licínio de Almeida -Bahia (1917-2021)



Observação: Nesta lista de descendência foi inserido apenas os nomes dos netos, bisnetos e tataranetos de Pedro e Luzia que atualmente residem na comunidade de Taquaril dos Fialhos.

Fonte: Taquaril dos Fialhos, 2021.

